

Moyzêo



atos

do conselho geral

ano LXXII — abril-junho, 1991

n. 336

**órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana**

ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO

atos

do conselho geral
da sociedade salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

n. 336

ano LXXII

abril-junho

1991

1. CARTA DO REITOR-MOR	P. Egídio VIGANÓ O apelo do Papa em favor das missões.....	3
-------------------------------	--	----------

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1. P. Luc VAN LOOY O movimento juvenil salesiano	30
	2.2. P. Antonio MARTINELLI O conjunto da Família Salesiana.....	37

3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	Não há neste número	
--------------------------------	---------------------	--

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1. Crônica do Reitor-Mor.....	43
--	--	-----------

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1. Decreto de beatificação do P. Filipe Rinaldi	44
	5.2. Crônica da Semana de Espiritualidade da Família Salesiana.....	45
	5.3. Crônica do 50º da UPS.....	46
	5.4. Novos Inspectores	47
	5.5. Novo Bispo salesiano	48
	5.6. Dados estatísticos.....	48
	5.7. Irmãos falecidos	50

Tradução:

P. Ervino Martinuz

(revista)

Editora Salesiana Dom Bosco

Rua Dom Bosco, 441

03105 — São Paulo — SP

Tel.: (011) 277-3211

Telex: (011) 32.431 ESPS BR

Fax: (011) 279-0329

1. CARTA DO REITOR-MOR

APELO DO PAPA EM FAVOR DAS MISSÕES

Introdução — O coração missionário de Dom Bosco — Sonhou os seus no Sul e no Oriente — A nossa é uma Congregação missionária — A mensagem do Papa na encíclica “Redemptoris missio” — O ardor na “missão” procede do mistério de Deus — A atividade missionária ocupa o primeiro lugar na evangelização — O missionário é convidado a se renovar sem desviar-se — Um olhar às missões de Dom Bosco hoje — Espiritualidade salesiana para os nossos missionários — Todos: em comunhão e participação ativa — Deus prepara uma nova primavera da fé.

Roma, 24 de fevereiro de 1991

Queridos irmãos,

escrevo-vos no clima litúrgico que nos prepara a reviver o mistério pascal de Cristo. Olhamos para Ele como centro de nossa vida e de toda a história humana. Ele é o Bom Pastor, “enviado” pelo Pai a dar vida a uma Igreja toda ela “missionária” entre os povos. Nela suscitou também a nossa vocação como um especial carisma evangelizador.

Gostaria de convidar-vos, aproveitando da recente encíclica do Papa, a refletir sobre a nossa dimensão missionária na Igreja.

Na carta anterior meditamos juntos sobre o acontecimento eclesial que foi o recente Sínodo dos Bispos, para nos preparar a comemorar o sesquicentenário da ordenação sacerdotal de Dom Bosco.

Nesta, acredito seja oportuno entreter-vos sobre um outro acontecimento eclesial: a publicação da encíclica “Redemptoris missio”. É bom sintonizarmos, na oração e reflexão, com as orientações da Igreja.

A encíclica trata de um tema vital para todos os fiéis; e diz respeito também a nós.

Por outro lado, na cidade de Lima, capital do Peru, celebrou-se com grande participação o COMLA-4 (Quarto Congresso Missionário Latino-americano) para fortalecer naquelas Nações, culturalmente cristãs, o compromisso missionário. Também esse acontecimento nos estimula a refletir sobre a importância das missões.

Além disso, também durante o nosso CG23 tratou-se da dimensão missionária da Congregação propondo sinteticamente uma orientação operacional para a avaliação e a progressiva coordenação das novas presenças no continente africano.¹ Esta orientação foi atentamente estudada pelo Reitor-Mor com seu Conselho, estabelecendo algumas disposições, que já estão sendo executadas.²

¹ Cf. *Educar os jovens na fé: Documentos Capitulares*, SDB, Roma 1990, 310.

² Cf. ACG n. 335, janeiro-março 1991, “Disposições e Normas”.

Tal conjunto de circunstâncias, além das numerosas viagens “missionárias” — programadas este ano pelo Reitor-Mor e pelos vários Conselheiros gerais —, convidam-nos a concentrar a atenção sobre um tema que é certamente vital. Ele faz-nos vibrar com os compromissos mais corajosos assumidos pela Congregação. Faz-nos também aprofundar uma orientação qualificante que o Papa lembrou várias vezes: o de sermos, em todos os lugares, verdadeiros “missionários dos jovens”. Existe algo na palavra “missionário” que nos reconduz às raízes da fé e nos faz perceber mais explicitamente o significado próprio da nossa vocação salesiana.

Antes de nos adentrarmos nos aspectos mais substanciais da encíclica, é útil que reconsideremos juntos a dimensão missionária da nossa Congregação (e Família). Esta característica, em casa, é mais que pacífica. Não o é, porém, tão claramente fora. Assim, por exemplo, alguns elencos, mais ou menos oficiais, não costumam inserir nossa Congregação (com as correspondentes conseqüências) entre os Institutos missionários.

É útil que consideremos brevemente, juntos, antes de mais nada o coração missionário de Dom Bosco, depois seus proféticos sonhos missionários, para poder afirmar com razão a dimensão missionária da nossa Congregação.

O coração missionário de Dom Bosco

Podemos dizer que Dom Bosco pode ser inserido na longa série de missionários do século XIX, mesmo que nunca tenha estado pessoalmente nas missões “ad gentes”.

“O ideal missionário — escreve Eugênio Ceria — cresceu, pode-se dizer, com ele”.³ É um ideal intrínseco ao seu projeto vocacional de Fundador e inserido em sua vida. Antes como estado embrionário e inconsciente, depois — gradativamente — de maneira cada vez mais clara e distinta.

Afirmam isso, com palavras mais ou menos claras, seja o P. Paulo Álbera seja o P. Filipe Rinaldi. Ambos sublinham que a visão missionária de Dom Bosco já está presente no sonho dos nove anos.

As missões “ad gentes”, escreve o P. Álbera, “foram sempre a aspiração mais ardente do coração de Dom Bosco e não tenho medo de errar se afirmo que Maria SS. Auxiliadora, desde suas primeiras manifestações maternas concedeu-lhe, joventinho ainda, uma clara intuição... Disso nos falava continuamente a nós seus primeiros filhos que, maravilhados, sentíamos-nos transportados por santo entusiasmo... Jun-

³ E. CERIA, *Annali della Società Salesiana* I — SEI Torino, p. 245.

to à cama de um seu querido juvenzinho, João Cagliero, moribundo, viu os indígenas da Patagônia esperando dele a redenção; e Dom Bosco lhe anuncia a cura, revelando-lhe parte de seus futuros desígnios".⁴

O P. Rinaldi, também afirma: "Comemorando aquele primeiro sonho do venerável Pai, implicitamente festejamos o centenário do início de toda a Obra Salesiana; naquela primeira visão ele, pode-se dizer, foi consagrado apóstolo da juventude, pai de uma nova família religiosa, missionário dos povos "não cristãos"; ela de fato suscitou-lhe no coração também um vastíssimo desejo de vida religiosa e de evangelização dos infiéis".⁵

Realmente o ideal missionário, já vivo nele no final dos estudos ginasiais,⁶ cresce e se desenvolve com o passar do tempo.

Concluído o período de formação pastoral no "Convitto" de S. Francisco de Assis, em Turim (1844), ele pensa entrar na Congregação dos Oblatos de Maria, que abrisse uma florecente missão na Indochina (Vietnã), para ser também ele missionário. Prepara-se com a oração e com o estudo de alguma língua. O P. Cafasso, seu diretor espiritual, deixa-o estar, mas na hora oportuna manda parar tudo com um "não" decidido, e o segura em Turim, encontrando-lhe um lugar junto ao internato da marquesa Barolo, onde poderá se interessar por tantos jovens. Ele obedece, e a Providência o guiará por seus caminhos. Mas o trabalho apostólico entre os jovens, antes que atenuar o seu ardor missionário, fortalece-o com luz mais viva e reveste-o de originalidade.

Sabemos que as aventuras missionárias, relatadas nos Anais da Propagação da Fé⁷ — uma de suas leituras preferidas —, impressionavam-no profundamente. Havia em jogo tantas almas a serem salvas, das quais sentia-se, de alguma maneira, co-responsável.

Desde 1848 o P. Rua e outros ouviram-no exclamar muitas vezes: "Oh, se tivesse muitos sacerdotes e muitos clérigos, gostaria de mandá-los a evangelizar a Patagônia, a Terra do Fogo...".⁸

Foi visto, naqueles anos, a olhar em algum mapa e se entristecer com o pensamento que "tantas regiões estivessem ainda na sombra da morte".⁹

Quando, após muitos sacrifícios, pode finalmente iniciar suas missões (1875: a maior empresa da Congregação!), o seu coração missionário exulta e, aparentemente, parece vibrar exclusivamente por elas. Afirmam-no os seus primeiros sucessores: "A partir daquele ano — es-

⁴ *Lettere circolari di D. P. Albera ai Salesiani* Direz. Gen. Opere D. Bosco, Torino 1956 p. 132-133.

⁵ ACS, anno VI, 24 giugno 1925, p. 364.

⁶ Cf. MB 1, 328.

⁷ Cf. MB 3, 363.

⁸ MB 3, 363.

⁹ MB 3, 546; 4, 424.

creve o P. Álbera — as Missões foram o centro de seu coração e parecia vivesse unicamente por elas... Falava delas com tanto entusiasmo que ficávamos maravilhados e tão edificadas pelo seu inflamado ardor pelas almas".¹⁰

Com não menor intensidade o P. Rinaldi, falando de lembranças distantes, assim se expressa: "No seu grande coração ficaram acumulados por anos e anos os ardores apostólicos de um Francisco Xavier, alimentados por uma chama enorme que ia iluminando o futuro mediante os sonhos... Tenho para mim, que talvez nenhum missionário foi mais entusiasta e incansável propagandista do que ele. Revejo a este Pai amadíssimo nas longínquas lembranças da minha vocação salesiana, exatamente nos anos do seu maior fervor missionário; e a impressão que me ficou permanece indelével: era um verdadeiro missionário, um apóstolo devorado pela paixão das almas".¹¹

Mas Dom Bosco não guardou para si seu ideal missionário. Transmitiu-o à sua Congregação (e Família) como elemento constitutivo de seu patrimônio espiritual e apostólico. O relatório escrito ao Papa Leão XIII é claro: "As missões estrangeiras foram sempre objetivo almejado pela Congregação salesiana".¹²

Quis, portanto, que a sua fundação fosse também missionária "ad gentes".

Seria interessante considerar, ainda que brevemente, alguns "sonhos" de Dom Bosco que manifestam com clareza o seu projeto de Fundador.

Sonhou os seus no Sul e no Oriente

Sonhos, Dom Bosco teve vários: foi apropriadamente chamado "o Santo sonhador".

A classificação (deles) é um problema espinhoso; mais ainda o é a sua interpretação. Não temos ainda hoje um estudo crítico-científico completo, nem sequer é fácil realizá-lo.

Isto, porém, não significa que alguns de seus sonhos não tenham importância histórica e profética. Corroboram sua personalidade carismática, levando-o a corajosas iniciativas humanamente inexplicáveis.

Comentando o sonho chamado do personagem dos dez diamantes,¹⁴ dizia eu que pode-se falar dos sonhos de Dom Bosco em um nível

¹⁰ *Lettere circolari di D. P. Albera ai Salesiani* — Direz. Gen. Opere D. Bosco, Torino 1956 — p. 134.

¹¹ ACS, anno VI, 24 giugno 1925, p. 367.

¹² MB 14, 624.

¹³ Cf. FAUSTO JIMÉNEZ: *Los sueños de Don Bosco*, ed. CCS Madrid 1989.

¹⁴ Cf. ACS, n. 300, abril-junho de 1981.

diferente e mais vital do que o crítico-científico (ainda que importante para a necessária seriedade da pesquisa). Trata-se do nível de influência existencial no próprio ânimo do Fundador e na vida dos seus filhos.

Alguns sonhos devem ser considerados "reveladores"; não se podem explicar unicamente com uma análise da interioridade pessoal do Santo.

O P. Tiago Costamagna — depois bispo — (que constatara na América Latina o valor carismático dos vários sonhos e que percebia sem dúvidas em Dom Bosco uma "personalidade profética"), após a leitura de um sonho missionário de 1885 escrevia ao Pe. Lemoyne citando uma frase que o bom Pai lhe dissera confidencialmente: "dentre todas as Congregações e Ordens religiosas, a nossa foi talvez a que mais Palavra de Deus teve".¹⁵

Entre os chamados "sonhos reveladores", há cinco que se referem exatamente às missões:

- um sobre a Patagônia, tido em 1872: serviu para que se decidisse a iniciar as missões;
- um segundo que descreve uma viagem através da América Latina, tido em 1883: apresenta muitos elementos não só desconhecidos a Dom Bosco, mas também aos estudiosos da época;
- um terceiro, sobre o sul da América, tido em 1885: aquele que levou o P. Costamagna, já naqueles Países, a escrever a famosa frase que citamos;
- um quarto, sobre a África, a Ásia e a Oceania, tido também esse em 1885: consideramo-lo hoje com especial maravilha porque já vemos bem desenvolvida sua maravilhosa realização;
- e um quinto, sobre a viagem "aérea" de Valparaíso a Pequim, tido em 1886. Eu quis de alguma maneira controlá-lo geograficamente em diferentes viagens para convidar todos a reabrir com esperança nossa coragem em favor do "Projeto-China".¹⁶

Estes "sonhos missionários" ajudam-nos a conhecer a mente do Fundador, a compreender a magnanimidade e a audácia de suas iniciativas. Vê-se neles sem dúvida inserida a Congregação entre os grupos eclesiais comprometidos, como tais, com as missões "ad gentes". E exatamente naquele Sul e naquele Oriente de que fala a encíclica: profetizam a fecundidade vocacional entre os autóctones. E abrem espaços de futuro para serem verificados... dentro de 500 anos!¹⁷

O tempo, desde a primeira expedição missionária (1875) até hoje, demonstra a realização desses sonhos, posto que permaneçam ainda abertas as fronteiras de crescimento. Especialmente na China, onde

¹⁵ MB 17, 305.

¹⁶ Cf. ACG, n. 323, outubro-dezembro 1987.

¹⁷ Cf. MB 17, 645.

sem dúvida as missões salesianas tiveram sucessos inesperados e foram fecundados pelo sangue dos nossos primeiros mártires.

São sonhos que — fato talvez único na história — traçaram, com uma antecipação de várias décadas, os caminhos que depois trilharam os seus. E com razão Dom Bosco é visto hoje, nas mais diferentes regiões do mundo, como presença precursora e paterna, como amizade cultural e potente proteção.

Em numerosas viagens pelos vários continentes, eu mesmo pude, de alguma maneira, muitas vezes constatar o alcance profético desses sonhos, que ainda hoje projetam uma luz para o futuro. Pude constatar isso na América Latina, na África e Madagáscar, na Ásia, no Japão e nas Filipinas, na Austrália e na Oceania. Os nossos irmãos desses Países relêem e consideram esses sonhos como providenciais mensagens proféticas. Nalguns casos, fui até solicitado a resolver animadas discussões sobre algumas indicações geográficas.

São sonhos que incidiram verdadeiramente sobre a vida missionária da Congregação (e ainda influenciam). Confirmam, a seu modo, um aspecto constitutivo da própria vocação salesiana na Igreja.

A nossa é uma congregação missionária

A mente e o coração do Fundador e a tradição ininterruptamente vivida na Família, confirmam abertamente que a dimensão missionária é “elemento essencial” do nosso carisma.¹⁸

As missões “ad gentes”, para nós Salesianos, não são simplesmente um “conjunto de obras” iguais às outras, com a única diferença que estão localizadas em Países distantes e com uma cultura diferente: não, não! Elas representam — muito mais profundamente — um aspecto constitutivo, uma dimensão peculiar da nossa identidade de Salesianos de Dom Bosco na Igreja. É verdade que a Congregação não está assinada no Anuário pontifício entre os “Institutos missionários” em sentido estrito (ou seja, entre aqueles que se dedicam só às missões estrangeiras); porém nela — e precisamente enquanto instituição eclesial — o Fundador quis um verdadeiro compromisso missionário “ad gentes”. O seu foi um projeto verdadeiramente providencial. Hoje devemos reconhecer que as missões foram o instrumento histórico para a universalização e a inculturação do carisma salesiano no mundo. É um grande merecimento.

Entre nós, desde o início, cultivaram-se as vocações missionárias em sentido estrito, ou seja, o cuidado daqueles irmãos — não poucos — enriquecidos com a “vocação especial” que constitui a nota caracte-

¹⁸ Cf. Const. 30.

rística de todo verdadeiro missionário. E esta vocação especial não é neles algo excepcional relativamente aos outros irmãos mas a expressão mais viva e mais generosa da vocação de todos. De fato ela manifesta uma condição interna à índole própria do carisma comum; todo irmão está, de per si e no diálogo da obediência, disponível a ser mandado para as missões.

Iniciamos — há mais de 100 anos — as nossas missões na América Latina. 50 anos depois nos orientamos para a Ásia. E ultimamente (50 anos depois!) assumimos como um projeto unitário a presença na África e na Oceania. Podemos afirmar que verdadeiramente nos dirigimos, como sugere o Papa, para o Sul e o Oriente,¹⁹ onde se constata o maior crescimento demográfico da humanidade: muita juventude e tanta pobreza.

As nossas missões demonstram, em três grandes etapas, sucessivas e em nível mundial, a concreta opção preferencial da Congregação pelos jovens pobres e necessitados.

Nos últimos dois decênios houve entre nós um novo impulso missionário. É uma iniciativa providencial que está revitalizando o carisma e que nos projeta com esperança para o futuro. Na circular sobre o "nosso compromisso africano",²⁰ dizia-vos que a abertura dessa nova fronteira missionária é inerente à nossa tradição de vida e portadora de preciosas bênçãos de Deus. Estamos vendo confirmada aquela afirmação. O compromisso missionário nos está libertando dos perigos do aburguesamento, da superficialidade espiritual e do genericismo. Nas missões percebemos o gosto pelas origens, experimentamos a permanente vitalidade do critério oratoriano, e parece-nos ver que Dom Bosco revive na autenticidade primitiva de sua missão juvenil e popular.

O CG23 orienta nossa atenção particularmente para o Projeto-África, mas aqui desejo convidar-vos a refletir ao mesmo tempo sobre todas as outras fronteiras missionárias, algumas das quais são expressão de recentes iniciativas, como as das "missões nas alturas" da América Latina, as da Papua-Nova Guiné e ilhas Samoa, a abertura na Indonésia e no Camboja e, com esperança e preparação, a volta ao imenso continente chinês.

Com relação ao nosso compromisso na África, podemos afirmar que estamos iniciando uma nova etapa, que se caracteriza por uma clara e crescente consciência de inserção na cultura daqueles povos, pela consolidação e o desenvolvimento das presenças, por uma cada vez mais apropriada prática evangelizadora da juventude e, de maneira particular, pelo cuidado das vocações locais e de sua adequada formação mediante estruturas necessárias. Estamos dando um grande pas-

¹⁹ Cf. *Redemptoris missio* 40.

²⁰ ACS, n. 297, julho-setembro de 1980.

so adiante, que deveria ajudar-nos a rever e aprofundar o significado de todos os nossos compromissos.

Para continuar com sabedoria e eficácia nesta nova etapa é bom reforçar, não só naqueles que estão diretamente empenhados mas em todos os irmãos, uma mais genuína mentalidade missionária.

A ocasião nos é oferecida pela recente importante encíclica sobre as missões. O esclarecimento daquilo que é, ainda hoje, a atividade especificamente missionária aprofunda e concretiza o significado de toda a nova evangelização: trata-se para todos de repensar a autenticidade da fé: aquela do apóstolo e aquela do catecúmeno.

O Santo Padre insiste em afirmar que a finalidade interna da encíclica é, afinal, "a renovação da fé e da vida cristã. De fato, a missão renova a Igreja, revigora a sua fé e identidade, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações".²¹

Procuremos utilizar estas reflexões e orientações do magistério do Papa. Em todos nós existe uma raiz missionária que pede à nossa fé o compromisso de transmiti-la. Também o CG23 lembrou-nos que o nosso apostolado vai "da fé" (a nossa) à fé (dos jovens)" sob o impulso da espiritualidade salesiana que nos impele a caminhar.

João Paulo II, por outro lado, lembra a todos que "é dando a fé que ela se fortalece".²²

A mensagem do Papa na encíclica "Redemptoris missio"

Por ocasião do 25º aniversário do decreto conciliar "Ad gentes" (dezembro de 1965), o Santo Padre publicou a encíclica "Redemptoris missio" para afirmar claramente a permanente validade do mandato missionário na Igreja. Ela representa um grande apelo do Papa para responder com maior reponsabilidade ao desafio das missões "ad gentes". Ela, além disso, oferece reflexões e esclarecimentos, diante das importantes evoluções que se verificaram nestes últimos decênios.

O título de encíclica lembra-nos aquele anúncio dirigido a todos por João Paulo II no início de seu pontificado: "Abri as portas a Cristo!". Grito que encontrou depois um amplo comentário em sua primeira encíclica "Redemptor hominis", em que afirma que o "primeiro caminho da Igreja" é o homem. A esses e a outros apelos o Papa depois acrescentou o seu testemunho pessoal no modo de exercer o ministério de

²¹ *Redemptoris missio* 2.

²² *Ib.*

Pedro. Justamente definiram-no, por causa de suas freqüentes viagens apostólicas, "o primeiro missionário do mundo".

Pode-se dizer que a exortação de abrir as portas a Cristo é o elemento fundamental de todo o seu pontificado: em particular constitui a primeira grande finalidade desta nova encíclica: "a missão de Cristo Redentor, confiada à Igreja, está ainda no começo!... Devemos empenhar-nos com todas as forças".²³ É suficiente olhar para a humanidade atual: numa população com mais de 5 bilhões de habitantes, só um terço conhece Jesus Cristo, e destes só 18% professam-se católicos (e entre os católicos nem todos são verdadeiros fiéis). No continente asiático, onde vivem 60% da humanidade, os batizados não chegam a 2%. E, em todos os lugares, cresce mais depressa o número daqueles que não o conhecem, do que o número daqueles que o seguem.

É urgente, portanto, relançar a preocupação missionária; ela estimulará a renovação de todos os compromissos na evangelização e apresentará a Igreja como verdadeiro sacramento de salvação no mundo.

A encíclica considera os progressos feitos e abre novas perspectivas.

Podemos indicar algumas: a novidade conciliar do profundo conteúdo teológico da "missão"; a novidade da diferença entre atividade especificamente missionária em relação seja ao cuidado pastoral dos fiéis seja à re-evangelização dos países agora em acelerado processo de secularização; a novidade dos critérios para descrever especificamente a atividade missionária: não só critérios "geográficos" mas também "sociológicos" e "culturais"; a novidade da importância dada às jovens Igrejas ainda necessitadas de ulterior amadurecimento; a novidade da inclusão de compromissos promocionais para o desenvolvimento dos povos mediante a educação das consciências.

A encíclica nos afirma, em síntese, que a atividade missionária ajuda a Igreja a responder ao imenso desafio de uma mudança de época, nunca vista até agora nos séculos por sua amplitude, profundidade e rapidez. Nesta mudança o compromisso missionário aparece como "a atividade primeira da Igreja, essencial e jamais concluída".²⁴

Convido cada um a reler com atenção o documento pontifício.

Aqui refletiremos juntos nalguns aspectos que nos ajudarão a entrar corajosamente em sintonia com o coração missionário de Dom Bosco.

O ardor na "missão" procede do mistério de Deus

O conceito de "missão" está no centro de toda a renovação eclesiológica trazida pelo Concílio Vaticano II; ele está intimamente unido à

²³ Ib.

²⁴ Ib. 31.

natureza mesma da Igreja, corpo histórico do mistério de Cristo. Sua dimensão missionária, de fato, encontra suas raízes nas missões trinitárias: naquela do Verbo enviado pelo Pai a se encarnar no seio de Maria, e, pela ressurreição de Cristo, naquela do Espírito Santo. A Igreja, Sacramento universal de salvação, harmoniza organicamente em si as duas missões trinitárias e torna-se a grande evangelizadora de todos os povos.

O Concílio, proclamando a natureza missionária da Igreja (especialmente através da "Lumen gentium" e o decreto "Ad gentes"), afirma a extraordinária vitalidade deste seu inato dinamismo, sobretudo na atual mudança de época "da qual nasce uma nova condição da humanidade".²⁵ Não só existe no mundo uma cultura emergente, que em si não nasce cristã, mas os próprios povos estão em movimento e o número dos homens que não conhecem Cristo aumenta cada vez mais; os horizontes e as possibilidades de compromisso missionário ampliam-se. A atividade missionária da Igreja está bem longe de se concluir; aliás — afirma o Papa — está só no começo. Os "últimos confins da Terra" indicados pelo Evangelho não são simplesmente geográficos; e podemos afirmar que, antes de estarem mais perto, eles se afastam. De aí a urgência missionária. Os fiéis estão todos convidados a se abrirem aos vastos horizontes do mundo não cristão.²⁶

Esta visão conciliar infundiu novo ardor à Igreja. Em certo sentido fez confluír a consideração das "missões 'ad gentes'" no único e fundamental caminho da "missão" de evangelização (própria de todo o Povo de Deus), incorporando assim organicamente a missiologia na eclesiologia. Isto serve para melhor iluminar a atividade evangelizadora da Igreja, reforçando as estreitas relações que deve cultivar com o homem contemporâneo. Assim saberá dar respostas de salvação a seus insistentes desafios.

É nesta perspectiva global que nasceu a exigência da "nova evangelização" que orienta, hoje, a renovação da inteira ação eclesial. Tudo apóia-se nas missões trinitárias que se encarnam e fundamentam historicamente na única e fundamental missão da Igreja.

A atividade missionária ocupa o primeiro lugar na evangelização

Diante da visão unificadora do Concílio não faltou quem se perguntasse se ainda é oportuno falar de atividade missionária específica; não seria suficiente falar só de missão inerente a toda atividade eclesial?

²⁵ *Ad gentes* 1.

²⁶ Cf. *Redemptoris missio* 40.

Certamente é preciso reconhecer que se a missão da Igreja é única ela deve estar concretamente presente em cada uma das atividades eclesiais. Isto, porém, não comporta como consequência igualar entre si todas essas atividades. A encíclica está toda ela voltada para afirmar que permanece como fundamental e indispensável a atividade das missões "ad gentes": "Torna-se necessário — afirma — precaver-se do risco de nivelar situações muito diferentes, e reduzir ou fazer desaparecer a missão e os missionários 'ad gentes' ".²⁷

O decreto conciliar já afirmara que a diferença nas atividades evangelizadoras não nasce da natureza eclesial da missão, que é sempre a mesma na sua identidade fundamental, mas é provocada pelas condições existenciais dos destinatários. Essas condições dependem seja da Igreja seja também dos povos, dos grupos, ou dos homens aos quais a missão é dirigida.²⁸ Assim, no contexto da única missão distinguem-se várias atividades evangelizadoras: tudo é evangelização — aliás, depois do Concílio, tudo deve ser "nova evangelização"²⁹ —, mas é necessário distinguir entre si algumas atividades com características peculiares.

O próprio decreto "Ad gentes" distinguia a específica atividade missionária daquela pastoral (em relação aos fiéis) e da ecumênica (em relação à recomposição da unidade dos cristãos).³⁰

A última encíclica apresenta em geral três diferentes modalidades de atividade evangelizadora: a) a "atividade missionária" entre os povos que não conhecem Cristo; b) o "cuidado pastoral" entre os fiéis cristãos; e a "reproposta do Evangelho" nos Países de antiga tradição cristã atualmente secularizados.

Os limites entre as três modalidades não são claramente definíveis; certamente estas atividades não se identificam uma com a outra, nem se eliminam mutuamente como se se pudesse fechar cada uma delas numa espécie de bloco totalmente isolado. São inter-comunicantes; com uma condição, porém: a atividade especificamente missionária significa diante das outras a expressão primeira e qualificante de toda a evangelização: "sem a missão 'ad gentes', a própria dimensão missionária da Igreja ficaria sem seu significado fundamental e seu exemplo de atuação".³¹ O desinteresse por ela ou seu enfraquecimento demonstraria falta de fervor e seria sinal de crise na fé.

Assim, na visão conciliar da única missão, distinguir a atividade especificamente missionária das outras, em lugar de enfraquecê-la ou

²⁷ Ib. 32.

²⁸ Cf. *Ad gentes* 6.

²⁹ Cf. ACG n. 331, outubro-dezembro de 1989.

³⁰ Cf. *Ad gentes* 6.

³¹ Cf. *Redemptoris missio* 33-34.

deixá-la de lado, reforça sua identidade e consistência e repropõe o alto valor do serviço, o primeiro, que constitui o fundamento e a alma dinâmica também para as outras.

Mas como individualizar, hoje, as características próprias das missões "ad gentes"? Aqui abre-se uma problemática não fácil; existem em todo caso elementos que ajudam as diferentes situações; sobretudo ajudam a afirmar como princípio fundamental a importância de dois aspectos mutuamente interligados: isto é, que todas as atividades evangelizadoras procedem da única missão da Igreja, e que a atividade especificamente missionária é a raiz e o estímulo primeiro das outras atividades evangelizadoras.

A encíclica aprofunda, de maneira articulada e elaborada, o significado da atividade missionária em sentido específico. "Distingue-se das outras atividades eclesiais por se dirigir a grupos e ambientes não cristãos, caracterizados pela ausência ou insuficiência do anúncio evangélico e da presença eclesial".³² O seu objetivo central é o de fundar comunidades cristãs "suficientemente amadurecidas para poderem encarnar a fé no próprio ambiente e anunciá-la a outros grupos".³³

Consideram-se, portanto, também os aspectos sociais e culturais: "trata-se de um grande e longo trabalho, onde é difícil indicar as etapas em que cessa a ação propriamente missionária para se passar à atividade pastoral".³⁴

Ao critério geográfico com que se costumava indicar as "terras de missão" — e que em parte permanece ainda válido (a encíclica fala do Sul e do Oriente) —, acrescenta-se um critério de ordem sociológica. Toma-se em consideração algumas grandes transformações que caracterizam hoje o devir social, como a explosão demográfica nalguns Países, o mundo juvenil e o do trabalho, a urbanização e as migrações, os refugiados e os exilados, etc.; e finalmente também um critério próprio da cultura emergente onde aparecem — como se fala na encíclica — alguns "areópagos modernos" (fazendo simbolicamente referência — como São Paulo — ao areópago de Atenas, que representava o centro cultural dos cidadãos), como a vasta área da comunicação social, da promoção da mulher, da solidariedade internacional, dos compromissos pela paz, pela liberdade e a justiça, a complexa área da pesquisa científica, etc. Considerando os critérios propostos na encíclica, vê-se logo que a atividade especificamente missionária tornou-se hoje pluri-forme e flexível; já não se pode fechá-la só na área territorial nem reduzi-la a uma visão de sabor romântico, de florestas e desertos. Existe, afirma a encíclica, "alteração tal de situações religiosas e sociais que

³² Ib. 34.

³³ Ib. 33.

³⁴ Ib. 48.

se torna difícil aplicar em concreto certas distinções e categorias eclesiais a que estávamos habituados".³⁵

As diferenças sociológicas e culturais, porém, não fazem perder as notas substanciais que caracterizam e distinguem a atividade especificamente missionária, seja da pastoral, seja da proposta evangélica aos grupos secularizados.

A nós interessa aprofundar um pouco esta elasticidade no concreto da atividade especificamente missionária aplicada ao nosso carisma. Por ora nos é suficiente saber que a encíclica assegura sua permanência, que aliás "está ainda no início".³⁶ Antes de continuar, interessa focalizar algumas dimensões novas bem positivas. A encíclica ajuda a afastar algumas dúvidas e ambigüidades que surgiram e as acompanham.

O missionário é convidado a se renovar sem se desviar

Entre as novidades que a encíclica aprecia e ressalta, encontramos três particularmente significativas: a visão conciliar do "Reino de Deus" mais ampla do que a da Igreja; o processo de personalização que aprofunda os valores da subjetividade, evitando na atividade evangelizadora tudo o que tem sabor de proselitismo; e os novos exigentes valores seja do ecumenismo seja do diálogo inter-religioso e da urgência da inculturação do Evangelho.

São algumas perspectivas atuais importantes para a nova evangelização e que devem ser assumidas em cada uma das atividades apostólicas da Igreja. Assim o missionário é chamado a renovar-se seguindo as indicações do Vaticano II: deve saber incorporar ao Reino, em sua atividade evangelizadora, os valores da criação; deve seguir uma metodologia capaz de mover a liberdade e a consciência pessoais; deve evitar os tons polêmicos e apologeticos para dar espaço a um inteligente e bem preparado diálogo inter-religioso. Não pode ficar satisfeito com uma espécie de sacramentalismo mágico.

Como todas as novidades, também estas que indiquei trouxeram consigo algumas ambigüidades e levantaram dúvidas até agora inéditas.

A encíclica oferece uma preciosa iluminação para esclarecê-las. Surgiram de fato, sobre isso, algumas interpretações superficiais que, em lugar de renovar, pretendiam marginalizar e enfraquecer, cá e acolá e de várias maneiras, a mesma atividade missionária.

Interessa-nos seguir a encíclica para esclarecer as três novidades indicadas mais significativas.

³⁵ Ib. 32.

³⁶ Ib. 30.

O perigo de favorecer um sentido redutivo do "Reino"

O Concílio Vaticano II apresentou uma necessária distinção entre "Igreja" e "Reino de Deus".³⁷ "A realidade inicial do Reino pode estar também fora dos confins da Igreja na humanidade inteira"; aliás o Povo de Deus tem a missão de coordenar, aperfeiçoar também os valores evangélicos das culturas e da ordem temporal em relação ao mistério de Cristo: a Igreja, de fato, é "semente e início" do Reino na história.³⁸

Esta explícita visão conciliar assegura um horizonte mais amplo da atividade missionária e, para nós, serve para sublinhar o estilo salesiano de interação e mútua circularidade entre evangelização e promoção humana.

Alguns, porém, interpretando mal a distinção, propuseram alguns anos atrás uma idéia secularista do Reino. Concentram a atenção nos valores humanos da ordem temporal e marginalizam a missão específica da Igreja (porque é preciso evitar, afirmam, todo eclesio-centrismo). Enquanto aprofundam os valores da ordem da criação (aliás positiva), passam por cima do mistério de Cristo Redentor (cujo esquecimento desvirtua o Cristianismo). Evidenciando só a riqueza da laicidade na realidade histórica das culturas, chegam a concluir que "o que conta são os programas e as lutas para a libertação sócio-econômica, política e também cultural" visando um progresso puramente terreno.³⁹

Nesta visão ideológica marginaliza-se a atividade tipicamente missionária; o primeiro objetivo a ser alcançado não seria o anúncio de Cristo, mas o da justiça social, sobretudo entre os povos mais necessitados. É um perigo que deve ser evitado. Mas não é suficiente evitá-lo; o missionário deve saber incorporar a novidade desta visão conciliar em sua atividade de enviado de Deus.

A nova evangelização, com efeito, empenha-se em valorizar mais o mistério da criação;⁴⁰ evidentemente isto deve ser feito em plena e indispensável correlação com o mistério da redenção, focalizando a novidade do Evangelho e a necessidade histórica e teológica da cruz.⁴¹ O Reino de Deus, afirma o Papa, "não é um conceito, uma doutrina, um programa sujeito a livre elaboração, mas é, acima de tudo, *uma pessoa* que tem o nome e o rosto de Jesus de Nazaré, imagem do Deus invisível".⁴² É nele e através dEle que a nova evangelização privilegia a dimensão social da caridade.⁴³ É pois o mistério de Cristo que salva e valo-

³⁷ Cf. *Lumen gentium* 5.

³⁸ Cf. *ib.*

³⁹ *Redemptoris missio* 17.

⁴⁰ Cf. ACG, n. 331, outubro-dezembro de 1989.

⁴¹ Cf. *relação final do Sínodo-85*.

⁴² *Redemptoris missio* 18.

⁴³ Cf. *Estréia 1991*, Comentário do Reitor-Mor P. Egídio Viganó.

riza a ordem temporal. O mesmo Concílio lembrou explicitamente que "a obra de Cristo, que consiste essencialmente na salvação dos homens, inclui também a instauração da ordem temporal... permeando-a e aperfeiçoando-a com o espírito evangélico".⁴⁴

Do mistério de Cristo — criador e redentor — nasce e cresce, por exemplo, a vocação e missão dos fiéis leigos no mundo e a urgência de saber formar adequadamente suas consciências. Que horizontes de novidade abrem-se aqui para a atividade do missionário!

A reta visão do Reino não marginaliza, nem deixa para um segundo plano a atividade missionária; exige, isto sim, uma mais atualizada realização. Ou seja: uma autêntica perspectiva da realidade histórica do Reino fortifica e amplia os alicerces e as finalidades do compromisso missionário e ilumina o nosso "evangelizar educando".

A tentação de não se comprometer na "conversão" e no "batismo"

Uma outra ambigüidade que a encíclica esclarece é a tentação de reduzir o Cristianismo a uma espécie de religião igual às outras: uma entre as muitas. E como em cada religião pode-se encontrar a possibilidade de salvação, esvaziar-se-ia de sentido o trabalho de conversão. Quem cresceu numa cultura afastada do mistério de Cristo, mas imbuída de certa religiosidade, não deveria ser perturbado em suas crenças, mas ajudado a crescer nelas para reforçar a transcendência religiosa; o fato de convidá-lo a "se converter" seria "proselitismo" e ameaçaria a própria dignidade de pessoa. Assim o respeito pela liberdade e a consciência excluiria a atividade missionária enquanto tendencialmente orientada para a conversão. E tem mais: no caso de conversões pessoais a Cristo, este fato não deveria trazer consigo como conclusão óbvia a administração do sacramento do Batismo (que em casos concretos cria problemas sociais); de modo que ele não seria mais necessário para a salvação. Deus supriria com os elementos positivos das várias religiões. E esta interpretação deveria ser oferecida aos missionários como uma atualização antropológica a ser seguida em suas programações.

A encíclica ajuda a refletir sobre a total originalidade do Cristianismo: ele não é simplesmente uma "religião" (fruto da busca humana), mas é uma "fé" que vem do alto mediante fatos históricos. Nenhuma religião humana é, por si mesma, portadora de salvação; só o acontecimento-Cristo: "ninguém vai ao Pai, senão por mim".⁴⁵ A "boa nova" deste acontecimento histórico não é uma concepção cultural alienada das

⁴⁴ *Apostolicam actuositatem* 5; Cf. 7.

⁴⁵ Jo 14,6.

diferentes realidades dos povos que tenham recebido a notícia, mas é um fato que pertence também a eles, aliás da qual eles têm urgente necessidade. De aí a importância missionária do “primeiro anúncio”: não se pode ficar calados: “Para mim é um dever — exclama São Paulo —. Ai de mim se não evangelizar!”.⁴⁶ Todos, pois, podem perceber de alguma maneira o mistério de Cristo porque não se expressa com conceitos abstratos, mas narrado através dos acontecimentos reais de sua vida (nascer, fazer o bem, ensinar a verdade, sofrer, morrer, viver). Não existe nenhuma estrutura cultural que impeça compreender esta “boa nova”, indispensável para cada pessoa e propriedade de todos os povos. A fé concentra-se sobre a realidade histórica de Jesus Cristo; é só nEle que se sabe “quem” é e “como” é Deus; é só por meio dEle que existe uma saída: “fora dele não há salvação”.⁴⁷

É exatamente este elemento objetivo que constitui motivo fundamental por que a Igreja é por sua natureza missionária.

A encíclica, portanto, faz ver por que o anúncio e o testemunho de Cristo, respeitando sempre as consciências, são uma proposta apresentada à liberdade do homem para favorecer e aperfeiçoar sua dignidade.⁴⁸ A conversão a Cristo é um dom de Deus; toda pessoa tem direito a ela, porque através da própria existência cada um é pessoalmente chamado à salvação. Pedro e os Apóstolos proclamavam explicitamente a urgência de se dirigir a Cristo: “Convertei-vos!”.⁴⁹

E o próprio Jesus uniu a conversão ao sacramento do Batismo.⁵⁰ Separar a conversão do Batismo significaria apagar o genuíno significado da fé cristã; Cristo quis permanecer concretamente na história (em favor de cada pessoa) através da Igreja, como seu próprio Corpo “sacramental” portador de todos os elementos vitais de salvação e “lugar” em que é possível encontrar-se com Ele de maneira segura e com frequência.

O Batismo é o grande “sacramento da fé”; incorpora cada um, de maneira objetiva e orgânica, à Igreja, Corpo de Cristo aqui e agora.⁵¹ É verdade que ao redor da celebração do Batismo podem ter sido acrescentadas modalidades sociológicas (e até superstições), mas isto oferece, em todos os casos, uma razão a mais para sublinhar melhor a natureza própria e sua indispensabilidade teológica.

Portanto: a atividade missionária, repensada e relançada com os critérios da eclesiologia conciliar, é chamada a renovar seus métodos

⁴⁶ 1Cor 9,16.

⁴⁷ At 4,12.

⁴⁸ Cf. *Redemptoris missio* 7.

⁴⁹ At 2,37-38; 3,19.

⁵⁰ Cf. Mt 28,19.

⁵¹ Cf. *Redemptoris missio* 46,47.

também considerando o estudo da subjetividade e das características de cada cultura; deve visar a consciência e a liberdade. Exatamente por isso é estimulada pelo próprio Cristo e pela prática secular da Igreja a solicitar, com inteligente pedagogia, a conversão das pessoas a Cristo, acompanhada por uma apropriada preparação ao Batismo, como sacramento da vida nova que incorpora à comunidade dos fiéis na edificação da Igreja local.

Os riscos de um relativismo religioso

O fato que depois do Concílio houve uma intensificação do ecumenismo entre as várias denominações cristãs — pelas riquezas batismais comuns — e em diálogo com as outras religiões (sobretudo: Budismo, Hinduísmo e Islamismo) — visando as sementes da verdade evangélica presentes nelas —, levou alguns a supor que a específica atividade missionária poderia ser substituída (nessas regiões) por oportunas relações inter-religiosas. Considerando ainda que várias religiões estão fortemente encarnadas nas culturas dos povos que as professam, sugere-se que para inculturar a fé cristã naqueles povos seria necessário aceitar essas modalidades de vida, também nos aspectos delicados da conduta pessoal, familiar e social, pensando (e é também verdade) que o Evangelho não é propriamente uma moral.

Primeiramente, o “ecumenismo” deve ser entendido e assumido em profundidade; não deve ser identificado simplesmente com os encontros de diálogos e contatos de colaboração, mesmo que estes manifestem sua natureza. Essas iniciativas podem dar frutos nalgumas regiões e não em outras; podem além disso ter apresentado alguns defeitos. O ecumenismo apontado pelo Concílio comporta uma mudança pessoal de mentalidade, uma atitude de busca da verdade, inerente à própria natureza da nova evangelização; é “uma dimensão fundamental de toda a atividade da Igreja”. Exige uma formação adequada em todos, também nos missionários, para aprofundar e repensar o Evangelho com uma mentalidade de compreensão das outras igrejas, na consciência da própria identidade católica. Isto implica uma espécie de formação no fiel que, em lugar de torná-lo polêmico, habilita-o a buscar os pontos comuns na verdade e no diálogo; uma semelhante formação enriquecerá também o modo de realizar a atividade missionária, valorizando as riquezas comuns do Batismo e da Escritura; evidentemente será necessário evitar cair num “irenismo” prejudicial, sobretudo quando se trata de seitas interessadas mais numa vaga religiosidade do que numa verdadeira fé em Cristo.

Quanto ao “diálogo com outras religiões”, trata-se de uma atitude semelhante à do ecumenismo, em relação aos valores positivos pró-

prios de cada religião. Isto exige conhecimento das religiões e uma atitude de diálogo; saber fazer isso traz certamente um enriquecimento recíproco. Não se trata simplesmente de mudar tática, mas de compreender que também nas outras religiões existem as assim chamadas “sementes do Evangelho” que podem crescer e frutificar em plenitude com a ajuda da oração e do poder do Espírito Santo. Justamente afirma a encíclica que “as outras religiões constituem um desafio positivo para a Igreja: estimulam-na efetivamente quer a descobrir e a reconhecer os sinais da presença de Cristo e da ação do Espírito, quer a aprofundar a própria identidade e a testemunhar a integridade da revelação da qual é depositária para o bem de todos”.⁵²

Não é fácil ter esta mentalidade e a correspondente competência de diálogo, mas é verdade que é uma atitude inerente à nossa evangelização iniciada pelo Vaticano II e que deve, portanto, ser parte constitutiva da renovada atividade missionária da Igreja.

Existe depois a tarefa de se dedicar corajosamente à inculturação da fé, evitando, porém, interpretá-la superficialmente, levando-a adiante sem o devido discernimento e prescindindo por levandade dos critérios de comunhão com a Igreja local.

Em cada cultura (e na religiosidade humana que a pervade) existem, unidos a tantos valores, também desvios e erros; em particular pode existir uma visão pré-cristã que não considerou a contribuição histórica de Cristo; portanto trata-se não só de uma cultura “plurimilenária” (rica de tanta experiência humana) mas também de um pensamento religioso parado “há mais de dois mil anos” (enquanto carente da experiência de fé que tem início em Cristo). A Igreja, se, por um lado, é solicitada à inculturação do Evangelho na variedade das Igrejas locais, por outro lado, é convidada pelo próprio Cristo a “evangelizar culturas”, portanto a discernir os valores e a purificar os desvalores. E este segundo aspecto traz consigo também incompreensões e perseguições. Todos os apóstolos morreram mártires. O mistério da encarnação do Verbo, enquanto nos mostra a audácia e o realismo de “ser verdadeiro homem”, fala-nos também da coragem do testemunho e da paciência (paixão e morte) na proclamação da verdade salvífica. Cristo corrige também, e purifica, sempre em coerência com a própria identidade de Salvador.

Sabendo que a atitude ecumênica e inter-religiosa tem diante de si longos e difíceis caminhos a serem percorridos (especialmente com o Islamismo), o Papa encoraja os missionários a perseverar com fé e caridade em seu testemunho cotidiano, conscientes que “o diálogo é um caminho que conduz ao Reino e seguramente dará frutos, mesmo se os tempos e os momentos estão reservados ao Pai”.⁵³

⁵² Ib. 56.

⁵³ Ib. 57.

Um olhar às missões de Dom Bosco hoje

A atividade missionária apresenta-se hoje pluriforme e flexível: ao critério geográfico acrescentaram-se também outros, sociológicos e culturais. Existe portanto uma evolução e uma mobilidade que não podem ser facilmente fixadas numa lista. O Papa insiste, porém, em afirmar que ficam claras as notas substanciais que especificam a atividade missionária.

É bom para todos nós meditar sobre essa evolução e sobre essa permanência, referindo-as às nossas missões.

Hoje, de fato, por mérito de tantos missionários, nasceram não poucas Igrejas particulares entre os povos que dezenas de anos atrás não conheciam ainda Cristo. Todavia naquelas mesmas regiões “há ainda vastas áreas onde as Igrejas locais não existem ou são insuficientes diante da vastidão do território e da densidade da população”,⁵⁴ ou seja: onde a fase da “*plantatio Ecclesiae*” não cresceu suficientemente; “o recente multiplicar-se das Igrejas jovens — reconhece a encíclica —, não deve iludir-nos”.⁵⁵

Portanto: nestas áreas permanece ainda viva a tarefa de formar comunidades cristãs que sejam na verdade sinal da presença de Cristo na vida humana, mesmo que já haja uma fundamental estrutura diocesana estabelecida: é urgente continuar o trabalho de evangelização mais profunda.

Por outro lado podem existir setores da população ou especiais ambientes sócio-culturais que ainda não conhecem Cristo.

E isto nos faz pensar em outro aspecto a ser considerado seriamente: o dos vários carismas (por exemplo, o nosso) aprovados pela Sé Apostólica para a Igreja universal e que foram suscitados pelo Espírito exatamente para evangelizar determinados setores sociais ou ambientes culturais.

O nosso carisma foi suscitado em favor do mundo juvenil e das classes populares. “Direis — observa Dom Bosco falando das missões — que já existem (em terras longínquas) outras Congregações. É mais do que verdade; mas nós vamos em auxílio delas e não para tirar-lhes o lugar, lembrai-vos bem disso! Geralmente elas ocupam-se dos adultos; nós devemos nos ocupar especialmente da juventude, de maneira particular daquela pobre e abandonada”.⁵⁶

A Congregação, de fato, assume sobretudo a tarefa de levar às jovens Igrejas (nos Países mais distantes) o dom da própria especialização evangelizadora: ou seja, a capacidade de educar na fé os jovens

⁵⁴ *Ib.* 49.

⁵⁵ *Ib.* 37.

⁵⁶ MB 18,49.

mais necessitados e as classes populares. É claramente um dom para colaborar na edificação da Igreja local em setores ou ambientes com especial carência de Evangelho.

Certamente, isto pode verificar-se também em Igrejas já suficientemente consolidadas; de fato os três distintos níveis indicados pela encíclica (atividade missionária, cuidado pastoral e re-evangelização) encontram-se facilmente e sobrepõem-se também nos Países considerados cristãos.

Mas se é assim: não deveríamos talvez ser missionários quase em todo lugar?

Em sentido geral, sim: é a missão fundamental da Igreja, que estimula o nosso zelo apostólico para fazer conhecer Cristo e seu Evangelho aos jovens (somos em todo lugar "missionários dos jovens").

Porém, não o somos em todos os lugares em sentido próprio e específico das missões "ad gentes". Para sermos missionários neste sentido estreito, também em nossa Congregação, *pedem-se algumas condições particulares*, sobretudo as seguintes:

- viver pessoalmente (por inspiração ou por particular disponibilidade na obediência) *uma vocação caracteristicamente missionária "ad gentes"*: "O Cristo Senhor sempre chama entre os discípulos aqueles que Ele mesmo quer, para que estejam com Ele, e os envia a pregar aos povos"; assim os missionários "são assinalados por uma missão especial".⁵⁷
- ser enviados pela legítima autoridade para levar a fé àqueles que estão longe de Cristo; isto comporta,⁵⁸ de fato, *sair da própria pátria e da própria cultura*;
- estar generosamente *comprometidos no serviço da evangelização integral* sem limites de forças e de tempo;⁵⁹
- dedicar-se constantemente, também se custa, *a inserir-se o mais possível no povo e na cultura dos novos destinatários*;
- *desejar permanecer comprometidos "ad vitam"*; é este um aspecto, afirma a encíclica, que conserva hoje toda a sua vitalidade: "representa o paradigma do compromisso missionário da Igreja, que sempre tem necessidade de doações redicais e totais, de impulsos novos e corajosos... sem deixar-se atemorizar por dúvidas, incompreensões, recusas, presequições".⁶⁰

Se nós olharmos aos cem anos da atividade missionária da nossa Congregação, constataremos que em várias regiões ela dedicou-se (e nalguns casos se dedica ainda) também à "plantatio Ecclesiae". Em ge-

⁵⁷ *Ad gentes* 23.

⁵⁸ Cf. ib.

⁵⁹ Cf. *Redemptoris missio* 65.

⁶⁰ Ib. 66.

ral, porém, sobretudo ultimamente, foi-se inserindo nas jovens Igrejas do Sul e do Oriente para realizar nelas a peculiar missão juvenil e popular do carisma de Dom Bosco. Nalguns casos, depois, após ter cooperado para um certo crescimento na edificação da Igreja local (já estabelecida como "diocese"), transformou sua presença passando da responsabilidade global àquela peculiar do próprio carisma.

O que vale mesmo ressaltar é que todas estas atividades especificamente missionárias não foram realizadas por indivíduos separadamente com um plano pessoal, cada um por própria conta, mas em força de sua vocação salesiana foram mandados a colaborar num projeto missionário comum, organizado pela Congregação. Ela mesma, enquanto Instituto de vida consagrada, possui uma alma missionária e assume generosamente a reponsabilidade; por outro lado responsabiliza-se pelos missionários enquanto tais: sua especial vocação, sua formação e seu destino, seguindo-os ao longo de todo o trabalho "ad gentes".

O Fundador deixou-nos em herança a convicção que nós Salesianos temos na Igreja uma tarefa missionária a ser cuidada e a ser promovida, e ele mesmo deu-nos o exemplo com grandes sacrifícios.⁶¹

O decreto conciliar "Ad gentes" questionava-nos seriamente se na época éramos capazes de ampliar mais ainda nosso compromisso missionário, avaliando talvez algumas presenças nos Países já cristianizados para dedicar as melhores forças às missões.⁶² Graças a Deus podemos afirmar que respondemos generosamente a este apelo: tantas Inspetorias adiantaram-se com sacrifício e audácia, e continuam a trabalhar.

Certamente pode-se fazer ainda mais e melhor. E é exatamente este o apelo que nós desejamos colher da nova encíclica.

Não se trata só de uma intensificação de sacrifícios, mas também de um verdadeiro e abundante enriquecimento de autenticidade salesiana.

O CG23 pediu em geral que se melhorasse, em todas as nossas presenças, a qualidade pastoral. Pois bem, a encíclica assegura-nos que incrementando a atividade especificamente missionária encontraremos o segredo e o impulso para alcançar o nível mais alto em toda a atividade pastoral: nas missões, de fato, experimenta-se melhor que o Evangelho é a preciosa "boa nova" para o hoje, e que a fé dos próprios irmãos anima-se proclamando os acontecimentos de Cristo.

A atividade missionária nos faz descobrir também a originalidade da nossa peculiar pastoral juvenil. É suficiente pensar, por exemplo, no oratório salesiano. Nalgumas beneméritas dioceses existem alguns exemplos admiráveis de oratórios paroquiais para os filhos das famílias cristãs da comunidade local; realizam tanto bem! Mas o oratório

⁶¹ Cf. ACS, n. 297, julho-setembro de 1980, "O nosso Fundador viu-nos na África".

⁶² Cf. *Ad gentes* 40.

de Dom Bosco foi pensado numa perspectiva missionária para os jovens sem paróquia porque “a missão é mais vasta que a comunhão”;⁶³ nele, os jovens mais crescidos na fé tornam-se apóstolos entre os colegas (“jovens para os jovens”!), enquanto os irmãos são chamados a se considerar concretamente “missionários dos jovens”.

Portanto: o compromisso missionário da Congregação hoje é chamado a crescer em intensidade e qualidade e também a estimular a qualidade pastoral de todas as presenças e relançar o oratório de Dom Bosco como critério permanente de discernimento e de renovação de toda a nossa atividade e obra.⁶⁴

Espiritualidade salesiana para os nossos missionários

A atividade missionária não se fundamenta diretamente sobre as capacidades humanas, mesmo que elas mantenham um papel importante. O protagonista de toda a missão da Igreja é o Espírito Santo: Ele chama, ilumina, guia, dá coragem e eficácia; a sua obra refulge eminentemente na missão “ad gentes”.⁶⁵

O missionário é convidado a entrar em especial sintonia com o Espírito do Senhor.

A encíclica, no seu último capítulo, trata exatamente da espiritualidade missionária. Lendo com atenção os breves parágrafos podemos aplicar seus conteúdos à herança que Dom Bosco nos deixou, assim como a descrevemos na circular sobre a “espiritualidade salesiana para a nova evangelização”.⁶⁶ Aquela missionária, para nós, não é outra espiritualidade; é a mesma, intensificada e particularmente iluminada pela ótica do envio “ad gentes”.

Primeiramente, que nossos missionários sintam-se fortemente “enraizados no poder do Espírito”; Ele tornou missionária toda a Congregação. Isto comporta neles uma intensificação daquela experiência de fé, esperança e caridade que faz viver numa constante união com Deus e numa penetrante atitude de êxodo que faz pensar na “quénose” e na encarnação do Verbo. A encíclica põe exatamente como primeira condição a de “deixar-se conduzir pelo Espírito”: “a missão é difícil e complexa e requer a coragem e a luz do Espírito:... é necessário rezar”.⁶⁷ E o Papa acrescenta: “o contato com os representantes das tradições espirituais não cristãs e, em particular, as da Ásia, persuadiu-me de que

⁶³ *Redemptoris missio* 64.

⁶⁴ Cf. Const. 40.

⁶⁵ Cf. *Redemptoris missio* cap. 3º.

⁶⁶ ACG, n. 334, outubro-dezembro de 1990.

⁶⁷ *Redemptoris missio* 87.

o fruto da missão depende em grande parte da contemplação".⁶⁸ Nunca será supérfluo insistir na necessidade da meditação da palavra em confronto com a mentalidade e as situações das pessoas e o contínuo esforço de construir "comunidade" com uma constante e adequada pregação do Evangelho.

Em relação aos elementos principais (apresentados na citada carta circular) podemos observar que:

- *a interioridade apostólica*, caracterizada pela caridade do "da mihi animas" (com a sua "graça de unidade" que une entre si consagração e missão), põe o missionário salesiano em situação de saber traduzir sua contemplação de Deus em "êxtase da ação". A sua fé disponível e operativa tem a raiz naquela de Abraão, pai dos crentes, que larga tudo a vai; um êxodo que traz consigo a efusão da própria interioridade difundindo no mundo uma concreta "espiritualidade juvenil";
- *a centralidade de Cristo-Bom Pastor* que exige do Salesiano uma peculiar atitude pedagógico-pastoral, ajudará o missionário a privilegiar o encontro com os destinatários — partindo do contexto dos mais pobres e abandonados — através da bondade que dialoga, com fazia Jesus apóstolo do Pai. A encíclica sublinha, exatamente, o saber viver o mistério de Cristo "enviado", como o descreve São Paulo: "despojou-se de Si mesmo, tomando a condição de servo, tornando-se semelhante aos homens". Um despojamento de si que exprime o amor que se torna tudo para todos⁶⁹ e que convive com os destinatários não tanto como "destinatários", mas como irmãos em Cristo na mesma comunhão de esperança;
- *o compromisso educativo como missão*: é uma nota característica que nasce da índole própria do carisma salesiano: trata-se de uma espiritualidade que dê verdadeiro impulso aos aspectos educativos com a estratégia de Dom Bosco. Isto convida o missionário a tomar seriamente em consideração tantos elementos de crescimento humano, que não derivam da evangelização, mas que a promovem realisticamente. Seria interessante, a esse respeito, dar uma olhada aos compromissos concretos enfrentados pelos nossos missionários neste sentido: pensemos por exemplo nas obras de promoção na Patagônia ou no exemplo de Mons. Cimatti que percorreu as principais cidades do Japão dando concertos de música. Também a encíclica fala de "promover o desenvolvimento educando as consciências".⁷⁰ O Papa ainda, escrevendo aos Religiosos da América Latina, lembra-lhes que muitos missionários na convivência com os indígenas "se fizeram lavradores, carpinteiros, construtores de casas e de templos, profes-

⁶⁸ Ib. 91.

⁶⁹ Cf. Ib. 88.

⁷⁰ Ib. 58.

sores e aprendizes da cultura autóctone, bem como promotores de um artesanato original".⁷¹

O estilo salesiano na educação comporta ainda a facilidade de convivência com as pessoas, a austeridade de vida, o sentido pedagógico do cotidiano, o clima de simpatia na simplicidade;

- *o sentido eclesial concreto* situa todo Salesiano no coração da Igreja; portanto, o missionário vive e trabalha nela e por ela, sobretudo na delicada etapa de sua edificação. A convicta adesão ao magistério do Papa e dos Pastores é para nós uma forte herança espiritual a fazer crescer em toda Igreja local. A encíclica afirma que "só um amor profundo pela Igreja poderá sustentar o zelo do missionário. Este amor, levado até ao extremo de dar a vida, constitui um ponto de referência para ele";⁷²
- *a alegria na operosidade* lembra a nós Salesianos que nascemos na Colina das Bem-aventuranças juvenis e que a alegria é uma nota característica da nossa espiritualidade juvenil; o missionário sentir-se-á portanto animado a difundir ao seu redor o perfume da alegria cristã. A encíclica lembra exatamente que cada missionário deve ser o homem das Bem-aventuranças: "a característica de qualquer vida missionária autêntica é a alegria interior que vem da fé. Num mundo angustiado e oprimido por tantos problemas, que tende ao pessimismo, o proclamador da "boa nova" deve ser um homem que encontrou em Cristo a verdadeira esperança";⁷³
- *a dimensão mariana*: toda a atividade salesiana, especialmente a missionária, é considerada na Congregação como participação na maternidade eclesial de Maria, invocada como Auxiliadora. A encíclica deseja que às vésperas do terceiro milênio a Igreja toda saiba reunir-se (como os Apóstolos) "no Cenáculo 'com Maria, a Mãe de Jesus' para implorar o Espírito e obter força e coragem para cumprir o mandato missionário...: é Ela, Maria, o exemplo daquele amor materno, do qual devem estar animados todos quantos, na missão apostólica, cooperam para a regeneração dos homens".⁷⁴

Se a dimensão missionária é na verdade um elemento essencial do nosso carisma, quer dizer — por um lado — que exige de nossa espiritualidade uma luz e uma força especiais para estar presente e operante nas missões, e — por outro — que a ótica missionária aprofunda e torna mais genuína a mesma espiritualidade salesiana.

⁷¹ Carta apostólica de João Paulo II aos religiosos e às Religiosas da América Latina por ocasião do V Centenário da Evangelização do Novo Mundo Osservatore Romano, 27 de julho de 1990.

⁷² *Redemptoris missio* 89.

⁷³ *Ib.* 91.

⁷⁴ *Ib.* 92.

Todos: em comunhão e participação ativa

As missões salesianas apóiam-se vitalmente, desde os tempos de Dom Bosco, sobre uma "responsabilidade" e uma "cooperação" que ultrapassam o compromisso direto dos missionários; elas envolvem toda a Congregação e, através dela, a grande Família Salesiana.

É certamente importante realçar estes dois aspectos de ampla responsabilidade e de vasta cooperação.

Se a nossa Congregação é missionária, quer dizer que todos os seus membros partilham a responsabilidade; não só aqueles que têm uma tarefa de animação e de direção (sobretudo o Reitor-Mor e o Conselho Geral, os Inspetores e os Conselhos Inspetoriais) mas também as comunidades locais e cada irmão. Um sentido de atuante solidariedade deve mover todos a suscitar iniciativas de conhecimento, de oração, de apoio, de auxílio e de partilha.

Em particular, aquelas Inspetorias (e são tantas!) que se comprometeram concretamente nalguma região do terceiro mundo deverão acompanhar com séria atenção e com generosa colaboração as indicações de coordenação que, por vontade do CG23 e determinação do Reitor-Mor com seu Conselho, dará o Conselheiro geral para as missões.

Dissemos que, a esse respeito, está iniciando uma nova etapa. Isto não significa a supressão ou a diminuição dos compromissos inspetoriais, mas sim uma maneira mais coordenada de crescimento. E isto exige uma prestação ainda mais generosa e mais qualificada de sustento e de intervenções, sobretudo no âmbito da formação do pessoal local.

Entre as iniciativas a serem desenvolvidas nas Inspetorias e nas casas, visando maior colaboração, existe aquela mais cara a Dom Bosco de despertar a sensibilidade missionária nos vários grupos da Família Salesiana, através dos meios de informação, nos movimentos juvenis, na pastoral vocacional e, em geral, entre as pessoas que admiram as missões.

E aqui é um dever lembrar a importância que sempre teve o Boletim Salesiano na divulgação das nossas missões. Hoje isso pede maior esforço e os missionários devem sentir-se pessoalmente envolvidos mandando suas interessantes "reportagens" e um material fotográfico escolhido e expressivo, como exige a sensibilidade atual.

Um aspecto a ser promovido com cuidado é o "voluntariado", não só entre os jovens mas também entre os adultos. Existem já alguns exemplos positivos a esse respeito.

Merecem louvor e incentivo as diferentes "Procuradorias" (com suas diferentes fisionomias) que não só ajudaram e sustentaram de maneira providencial tantas atividades missionárias, mas que se tornaram também centros de informação e de animação.

É importante sublinhar, por fim, que a encíclica coloca em primeiro lugar a cooperação espiritual. “A oração deve acompanhar os passos dos missionários, para que o anúncio da palavra se torne eficaz pela graça divina... À oração deve-se juntar o sacrifício: o valor salvífico de qualquer sofrimento, aceito e oferecido a Deus por amor, brota do sacrifício de Cristo... O sacrifício do missionário deve ser partilhado e apoiado pelo dos fiéis... Recomendo — exorta o Papa — que *os doentes* sejam instruídos sobre o valor do sofrimento, encorajados a oferecê-lo a Deus pelos missionários. Com esta oferta, os doentes tornam-se também missionários”.⁷⁵

É preciso reconhecer que a dedicação às missões sacode espiritualmente e aproxima mais intimamente do mistério de Cristo.

Deus prepara uma nova primavera da fé

O Santo Padre, também reconhecendo que a Igreja enfrenta um compromisso bastante complexo e verdadeiramente superior às próprias forças, utiliza na encíclica um entusiasmante tom otimista. Não é que não veja os problemas e os aspectos difíceis e pouco encorajadores: “Se olharmos superficialmente o mundo moderno — afirma —, ficamos impressionados pela abundância de fatos negativos, que podem levar ao pessimismo”. Mas se o olhar é fortalecido por uma fé autêntica e pela contemplação da bondade misericordiosa do Pai, pela infinita solidariedade humana de Cristo e pela presença e pelo poder transformador do Espírito, então abre-se uma perspectiva de forte esperança. E o Papa tem interesse em alimentar essa esperança; vê no grande jubileu do ano 2000 um ponto concreto de referência: “ao aproximar-se o terceiro milênio da Redenção, Deus está preparando uma grande primavera cristã, cuja aurora já se entrevê”.⁷⁶

Pode-se de verdade pensar que o Concílio Ecumênico Vaticano II foi o grande sinal de início, seguido de tantos outros sinais encorajadores.

Também o nosso CG23 descreve com otimismo e rápidas pinceladas, a caminhada feita pela Congregação em direção à nova evangelização.⁷⁷ E a encíclica acrescenta que “toda a Igreja está (hoje) ainda mais empenhada num novo advento missionário... A causa missionária deve ser a primeira de todas as causas, porque diz respeito ao destino eterno dos homens e responde ao desígnio misterioso e misericordioso de Deus”.⁷⁸

⁷⁵ Ib. 78.

⁷⁶ Ib. 86.

⁷⁷ Cf. *Educar os jovens na fé: Documentos Capitulares*, EDB SP 1990, 1-14.

⁷⁸ *Redemptoris missio* 86.

Às vésperas, pois, do Terceiro Milênio sentimo-nos convidados a esperar, a renovar com alegria o entusiasmo das origens, a trabalhar cada vez mais, a apoiar todas as atividades evangelizadoras de compromisso missionário, a sentirmo-nos contagiados — porque Salesianos — daquilo que o Concílio proclamou aos jovens, apresentando-lhes o rosto juvenil da Igreja, que é “rica de um longo passado sempre presente nela e, caminhando na direção da perfeição humana no tempo e do último destino da história e da vida, é a verdadeira juventude do mundo. Ela possui o que faz a força e a beleza dos jovens: a capacidade de alegrar-se por aquilo que começa, de doar-se sem querer em troca, de renovar-se e lançar-se a novas conquistas”.⁷⁹

A estimulante afirmação que “a atividade missionária está ainda no começo” deve ser interpretada no interior desta atitude de esperança para viver este “começo” com o forte impulso das origens (seja o da Igreja, seja o do nosso carisma). “Os horizontes e as possibilidades da missão se ampliam”, mas vivemos uma hora especial do Espírito Santo que é o verdadeiro “protagonista da missão”.

Somos convidados a imitar os Apóstolos reunidos no Cenáculo “com Maria” para implorar e obter a presença e o poder do Espírito.

O Santo Padre confia todo o trabalho missionário ao amor maternal da Virgem Maria. Nós confiamos filialmente nEla, Mãe da Igreja e Auxiliadora de todos os povos.

Dom Boško entregara ao P. João Cagliero — chefe da primeira expedição missionária e futuro cardeal — um documento (com data de 13 de novembro de 1875) com as lembranças para os irmãos missionários; exortava-os assim: “Fazei o que puderdes: Deus fará o que não pudermos fazer nós. Confiai tudo a Jesus Cristo sacramentado e a Maria Auxiliadora e vereis o que são os milagres”.⁸⁰

Com esta confiança, que é para nós herança sagrada, intensifiquemos em todo lugar o nosso compromisso por Cristo e por seu Evangelho: multiplicando o compromisso missionário seremos todos, na Congregação, mais “missionários dos jovens”.

A todos, especialmente aos missionários “ad gentes”, uma saudação reconhecida e a minha lembrança cotidiana na Eucaristia.

Com afeto em Dom Bosco,

Don F. Viganò

⁷⁹ *Mensagem aos jovens*, 8 de dezembro de 1965.

⁸⁰ MB 11, 395.

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

2.1. O MOVIMENTO JUVENIL SALESIANO

P. Luc Van Looy

Conselheiro para a Pastoral Juvenil Salesiana

Entre as orientações operacionais, o CG23 trata do “grupo” como elemento importante. Uma particular atenção ao fenômeno do grupo juvenil está reservada também no capítulo sobre o itinerário de fé e sobre a espiritualidade juvenil salesiana.

Na dinâmica da ação salesiana somos sensíveis ao grande fenômeno dos jovens que procuram um espaço nos grupos de diferentes tipos, ambientes e proveniências.

Nós queremos refletir sobre a realidade deste movimento no mundo salesiano, sobre sua importância e significado para a pastoral juvenil hoje.

1. Capítulo Geral 23

O CG23 deu grande importância ao jovem, à sua tendência de estar com os outros, e ao grupo juvenil como expressão de comunidade cristã. Os grupos que se identificam com a espiritualidade e a pedagogia de Dom Bosco “formam, de maneira implícita ou explícita, o Movimento Juvenil Salesiano (MJS)” (n. 275).

A flexibilidade e a abertura ao jovem concreto de todo ambiente ofereceu a este movimento “dos jovens” a possibilidade de se desenvolver e a tantos jovens a oportunidade de criar comunidade e reunir-se. O MJS “funda-se, afirma o CG23, na livre comunicação entre os grupos” (n. 277) e “reúne muitos jovens: dos mais distantes... até os que, de maneira consciente e explícita, fazem própria a proposta salesiana” (n. 276).

O CG23 conscientizou-se da realidade do movimento juvenil e inseriu na tradição pedagógica salesiana como elemento fundamental, porquanto é expressão da experiência de grupo, especificando que “o grupo é o lugar onde se personalizam as propostas educativas e religiosas; é o espaço da expressão e da responsabilidade; é o lugar da comunicação interpessoal e da projeção das iniciativas” (n. 274)

2. O MJS no patrimônio salesiano

Dom Bosco envolvia os jovens em sua obra educativa. O ponto culminante desta co-responsabilidade está na participação dos jovens na

tarefa educativa que Dom Bosco se prefixava. No oratório funcionavam as “Companhias” como resposta natural à vontade de estar com os jovens. Dom Bosco envolvia-os no itinerário de santidade, com um papel específico de acompanhamento dos colegas. Insistia sobre o trinômio “alegria, estudo e piedade” (cf MB 5, 484-486). Entregava assim uma tarefa educativa aos mesmos garotos e dava ao contexto da comunidade de Valdocco um aspecto formativo.

As Constituições e os Regulamentos renovados conferem força de lei a este patrimônio salesiano quando afirmam: “Favoreça-se a formação de grupos e associações conforme a idade e os interesses dos jovens e cuide-se por sua continuidade” (R. 8), e “animamos e promovemos grupos e movimentos de formação e de ação apostólica e social” (C. 35).

Nota-se ao longo de toda a história da Congregação que os grupos e os movimentos, como acontecia no primeiro oratório, apresentam-se decididamente com finalidade apostólica e de co-responsabilidade ao lado dos salesianos educadores e evangelizadores. Dom Bosco tinha a certeza que os mais idôneos a evangelizar os jovens são exatamente os jovens; chama-os “os primeiros e imediatos apóstolos dos jovens” (AA 12). Os garotos dos nossos ambientes sentem a necessidade de partilhar experiências e preocupações com amigos e com membros da Família Salesiana. Isto fez surgir encontros e referências comuns até chegar a um verdadeiro “movimento do espírito salesiano”. A partir de 1980, enquanto com os próprios jovens se estuda a espiritualidade juvenil salesiana, cresce o MJS em várias inspetorias. O centenário da morte de Maria Mazzerello em 1981 e o “Confronto Dom Bosco ‘88” criaram nos jovens um sentido de pertença e são ainda hoje um ponto de referência para o MJS. Assim ele torna-se uma realidade de âmbito mundial em 1990 com o CG23.

3. Elementos que definem o movimento

Há lugar para todos os jovens e para todas as variedades de grupos no movimento, que quer ser a casa para muitos jovens. É uma expressão da realidade oratoriana, numa modalidade variada, onde o jovem é protagonista. “Não tem necessidade de uma organização rígida e centralizada”, afirma o CG23 (n. 277). Como realidade aberta, adapta-se às circunstâncias do tempo, do lugar e dos membros.

São dois os elementos definitivos que caracterizam o movimento: a referência à espiritualidade juvenil salesiana e uma ligação para coordenar iniciativas comuns.

3.1. *A referência à espiritualidade juvenil salesiana*

Quem participa do MJS tem em Dom Bosco o centro, o líder carismático que deve ser melhor conhecido, sobretudo com a participação

da sua espiritualidade. A referência ao espírito de Dom Bosco permite aos vários grupos do movimento apresentar-se com rostos e atividades diferentes. Para além das diferenças óbvias e conhecidas, os grupos se reconhecem na comum finalidade da espiritualidade salesiana, que confere ao movimento o tom amigável e educativo suscitado pela pessoa de Dom Bosco e dos seus filhos e filhas. Fazem portanto parte do MJS "os grupos e as associações que se organizam em nossos ambientes educativos, que são animados por Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora, que fazem certas escolhas pedagógicas características; que assumem os elementos fundamentais do estilo de Dom Bosco, porque o consideram como enriquecimento de sua específica linha espiritual ou formativa" (*L'animatore salesiano nel gruppo giovanile*, p. 63-64).

3.2. A ligação entre os grupos

Os vários grupos com diferente identidade criam "movimento" porque comunicam entre si e permitem uma coordenação e uma partilha de idéias e de mensagens comuns e construtivas. "A circulação das mensagens e dos valores da espiritualidade no MJS funda-se na livre comunicação entre os grupos" (CG23, 277). Os encontros organizados fazem parte da vontade dos jovens de se encontrar entre jovens amigos que partilham os mesmos valores. Estes encontros convidam a um diálogo aberto e a uma avaliação das experiências. Muitas vezes são momentos de festa e de formação cristã ou salesiana.

A ligação, à qual coopera todo grupo livre e co-responsavelmente, garante que o movimento seja "espaço juvenil" e não algo pensado e organizado "para os jovens".

É portanto movimento dos jovens, com ritmo juvenil, animado pela espiritualidade juvenil salesiana, com um intercâmbio aberto e livre, onde os jovens se reconhecem protagonistas da própria vida, do grupo e, ao mesmo tempo, ao serviço para o bem de outros jovens. O espaço em que age o MJS é o compromisso de formar "bons cristãos e honestos cidadãos, apóstolos dos jovens" de acordo com as possibilidades de cada um. Representa uma massa de jovens que olham para Dom Bosco e Madre Mazzarello para reviver hoje sua espiritualidade (cf *L'animatore salesiano nel gruppo giovanile*, p. 64-65).

A ligação, pedida pelo MJS, encontra expressão em nível local, em sintonia com a comunidade salesiana local, que tem tarefas educativas e pastorais; em nível inspetorial, entre grupos de vários ambientes salesianos; em nível interinspetorial e internacional. As modalidades desta ligação são várias: das informações escritas aos encontros espontâneos, até aos congressos organizados em níveis bem amplos, num envolvimento co-responsável dos jovens. As grandes convocações

juvenis dão aos jovens um forte sentido de pertença e ao movimento uma identidade cada vez mais clara. Afirma o Reitor-Mor na conclusão do CG23: "Mas o elemento que por certo haverá de levar os grupos juvenis a sintonizarem mutuamente, constituindo como a aurora de uma esperança inédita e envolvente, será a comunhão de todos naquele tipo de "espiritualidade" justamente chamada "salesiana" e que fará sentir vitalmente os vínculos de uma espécie de parentesco personalizador" (CG23, 353).

4. Outras características do movimento

4.1. Um movimento "Salesiano"

O MJS é uma expressão atual da "corrente" iniciada por Dom Bosco na sociedade e na Igreja. Cresce ao redor dos membros da Família Salesiana. O centro carismático é Dom Bosco. Os jovens do movimento identificam-se com a família de Dom Bosco a ponto de se chamarem naturalmente "nós salesianos".

A Família Salesiana encontra no movimento, onde cada elemento oferece a riqueza de sua específica contribuição, uma realização de seu compromisso de ajudar os jovens no estudo do espírito carismático de Dom Bosco.

4.2. Um movimento educativo

"Jovens pelos jovens" é uma expressão típica do movimento. Manifesta que todos os jovens são acolhidos como são. Aberto indistintamente para eles, o movimento visa o bem de cada um e cria um ambiente educativo juntamente com toda a comunidade educativa. A participação do clima educativo salesiano torna também os jovens verdadeiros educadores. Realizar o bem, comunicar felicidade e entregar os próprios dons em favor dos amigos, tornam os jovens sujeitos e protagonistas de crescimento humano e cristão. O grupo torna-se assim um lugar educativo em que todos conseguem se expressar e crescer.

4.3. Um movimento missionário

Com os Salesianos, as Filhas de Maria Auxiliadora e outros membros da Família Salesiana, os jovens crescem conscientes da missão salesiana e chegam a compreender o título de "missionários dos jovens"

através da atenção que dão aos que estão perto, como também aos afastados e marginalizados na sociedade e na Igreja. E neste compromisso estão envolvidos, na modalidade e medida possíveis, os sujeitos de cada grupo. Assim, eles tornam-se sensíveis aos valores evangélicos, adquirem um forte sentido de Igreja, tomam iniciativas adequadas para socorrer os mais fracos do próprio grupo ou da sociedade que muitas vezes se caracterizam pela indiferença na fé religiosa ou por pobreza de vários tipos.

O movimento se faz no ambiente e torna os jovens sujeitos de crescimento social e cultural. Eles sentem-se convidados a um compromisso cristão, apostólico, e são proposta de educação na fé para outros jovens. Desta maneira o movimento integra educação e evangelização, fé e vida; desenvolve um clima de confiança no homem e em Deus.

4.4. Intensidade "gradual" de pertença

O movimento é aberto a todos. O critério fundamental de aceitação é o de Dom Bosco: "basta que sejais jovens". Cada um participa com as próprias capacidades e modalidades e é respeitado em sua fase de crescimento como pessoa e como membro de um determinado grupo. Isto confere ao movimento a fisionomia de "círculos concêntricos" (cf CG23, 276), em que todos podem se encontrar. A referência à espiritualidade juvenil salesiana será portanto muito diversificada, de acordo com os grupos e as pessoas.

O MJS é uma realidade a caminho. Por sua natureza nunca será possível dar uma definição definitiva. Esta será sempre aproximativa para um "corpo" em crescimento e, portanto, deverá conservar a flexibilidade e adaptabilidade que lhe são próprias.

5. Elementos da vida do movimento

5.1. A variedade dos grupos

Dissemos que o movimento reúne grupos bem variados. Nele não se exclui o que agrada aos jovens. Não existe diferença se há grupos de tempo livre ou de esporte, de cinema ou de turismo, de interesse cultural ou artístico, de caráter social ou apostólico... Necessita-se só que sejam garantidos os elementos fundamentais da espiritualidade juvenil salesiana e a ligação com outros grupos. Cada grupo caminha pelo itinerário que leva ao "honesto cidadão e bom cristão".

5.2. *Os animadores*

Os jovens que vivem mais intensamente a identidade cristã e a espiritualidade salesiana trabalharão no grupo e no movimento como animadores. Este “núcleo animador” está presente no grupo, no movimento e nas várias associações como enviado a todos para dar com alegria o melhor de si. Eles animam os amigos a viver plenamente as bem-aventuranças evangélicas. São jovens que, “de maneira consciente e explícita, fazem própria a proposta salesiana” (CG23, 276).

5.3. *A festa e os encontros*

O sentido de festa, a alegria e o entusiasmo constituem parte fundamental do ambiente salesiano. O salesiano de fato “difunde esta alegria e sabe educar à felicidade da vida cristã e ao sentido de festa” (C. 17). Os jovens buscam esta alegria estando juntos e partilhando as próprias experiências. O movimento expressa-se através dos momentos de convivência e de festa em nível inspetorial e inter-inspetorial. Estes são ao mesmo tempo momentos de comunicação das mensagens, de formação na vida, na fé e de avaliação sobre o próprio movimento. A tonalidade que mais qualifica o movimento como salesiano é sem dúvida o da “festa juvenil” que encontra concreta encarnação e vigor nos compromissos e ideais cotidianos.

5.4. *O caminho na experiência comunitária*

A espiritualidade juvenil salesiana nasce de um encontro que faz nascer a amizade entre os jovens, como também entre jovens e adultos. A experiência de amizade e de grupo leva a uma escolha que manifesta o desejo de ficar com Dom Bosco (cf MB 5, 526). O itinerário do movimento une os corações dos jovens antes das inteligências, como afirma o CG23 lembrando que “a experiência de vida cristã precede a reflexão sistemática” (n. 159). Isto garante a modalidade tipicamente juvenil da linguagem, da expressão, da forma associativa, etc. O caminhar no passo dos jovens confere ao movimento as características do oratório de Valdocco, faz amar o que amam os jovens, para chegar, com sensibilidade educativa inerente ao ambiente, ao momento em que os jovens amam o que ama o educador e o evangelizador.

5.5. *Os lugares salesianos: santuários para os jovens do MJS*

O “confronto 88” demonstrou a força da proposta e o encanto da “Colina das Bem-aventuranças” e de Valdocco. Os jovens do MJS são de

casa no Colle Don Bosco, em Mornese e em Valdocco, porque encontram aí a proposta de santidade de Dom Bosco, de Madre Mazzarello e de outros jovens. Estes lugares fazem parte do movimento e apresentam uma mensagem vital para os jovens de hoje.

O fenômeno da peregrinação adquiriu valor de proposta cristã para os jovens, e convida a pensar que também em outros países ou continentes dever-se-á formar lugares de encontro espiritual para os jovens do movimento salesiano.

6. Conclusão: a refundação do oratório

Como conclusão convém encontrar-nos no clima do ambiente que queria Dom Bosco, onde os jovens procuram amizade, são acolhidos pelos adultos que os compreendem e participam de sua vida, criam um "estilo" de comportamento junto com os outros jovens e comprometem-se em atividades sócio-culturais, recreativas, religiosas e festivas. Estes valores permanentes do oratório de Valdocco vibram plenamente no MJS, que constitui uma nova forma de oratório.

Lembrando as palavras do Reitor-Mor no seu discurso conclusivo do CG23: "Diria que, neste repensamento criativo, nos é confiada, a nós, Salesianos de Dom Bosco, a responsabilidade da refundação do Oratório" (CG23, 345), parece que uma fórmula verdadeiramente recreativa e incisiva da refundação é exatamente o MJS. Ele é um exemplo do fato que o "critério oratoriano não acaba com as estruturas, mas as ultrapassa" (CG23, 351) e lembra que todos os salesianos são "chamados a renovar todo o tipo de animação..., estimulados pelas exigências do contexto juvenil... e alimentados intrinsecamente pelo clamor dos destinatários" (CG23, 351). Os jovens nos oferecem o método de renovação salesiana e de refundação do oratório sob a medida dos nossos tempos. O MJS quer ser uma prova disso.

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

2.2. O CONJUNTO DA FAMÍLIA SALESIANA

P. Antonio Martinelli

Conselheiro para a Família Salesiana e Comunicação Social

1. As "distantes origens" do conjunto: o CGE XX

O CG23 não esqueceu nem o tema nem o essencial da Família Salesiana, ainda que apresente poucas referências. O estudo específico da *educação dos jovens na fé*, de fato envolve de maneira direta, explícita e imediata a inteira Família Salesiana, *em seu conjunto*. Por isso, não foi necessário repetir toda a anterior reflexão e doutrina. É importante porém que as comunidades locais voltem às "distantes origens" do *conjunto*.

No caso concreto "distantes" significa, em primeiro lugar, tudo aquilo que o CGE XX afirmou sobre as "perspectivas da Família Salesiana hoje" (cf Atos CGE XX, nn. 151-175).

Significa, por outro lado, a descoberta renovada, cada dia, do carisma de Dom Bosco, que foi confiado pelo Espírito a toda a Família, para o bem da Igreja. Os Salesianos de Dom Bosco têm neste plano de amor de Deus "especiais responsabilidades".

São suficientes duas citações. "Os Salesianos não podem repensar integralmente sua vocação na Igreja sem se referirem àqueles que juntamente com eles são depositários da vontade do Fundador. Por isso procuram a melhor unidade de todos, embora na autêntica diversidade de cada um" (Atos CGE XX, n. 151).

"Cada um destes grupos, sobretudo os três primeiros, iniciados pelo próprio Dom Bosco como fundamento e centro vital da sua Obra, não podem ser vistos historicamente como independentes e separados; nasceram e viveram em recíproco e contínuo intercâmbio de valores espirituais e apostólicos aproveitando assim reciprocamente de imensas vantagens. A todos, como se formassem uma só família, é confiada a preciosa herança de Dom Bosco" (Carta do Reitor-Mor sobre a Família Salesiana, 24 de outubro de 1982).

É evidente, ou talvez deva ainda tornar-se para muitos irmãos, que o *conjunto* não nasce de uma necessidade, de dificuldades numéricas, de limitações comunitárias. A raiz não está aí. É preciso voltar ao espírito do Senhor, a Dom Bosco, ao carisma de fundação.

Com maravilha e ao mesmo tempo alegria, descobrimos hoje mais do que ontem a convergência entre a intuição carismática de Dom Bosco e os sinais dos tempos do nosso mundo.

Servir o *conjunto* da Família Salesiana é servir Dom Bosco Fundador. Seremos fiéis ao *conjunto* da Família Salesiana é sermos fiéis à história da nossa vocação juvenil e popular. A unidade nos precede. As dife-

renças evidenciam o patrimônio comum e adquirem significado e importância na harmonia do conjunto.

2. O conjunto no CG23: duas referências qualificadas

As poucas referências sobre a Família Salesiana no CG23 tocam dois aspectos significativos: a comunidade educativa e o projeto leigos.

A organização da *comunidade educativa* (cf CG23 nn. 110-111), inicialmente, com a diferenciada presença dos leigos e sua valorização, colaboração e co-responsabilidade em todo o processo educativo-pastoral (ib. nn. 170. 233. 243) está orientada para o único sujeito responsável, o único caminho educativo e a única espiritualidade.

Não pode faltar o compromisso da comunidade salesiana na tarefa de “núcleo animador”, que associa os grupos da Família Salesiana para uma eficaz presença e ação evangelizadora unitária na região (cf CG23 n. 236).

O interesse pois que a Congregação demonstrou na preparação do CG23 e em suas deliberações para um projeto leigos (cf CG23 n. 238) convoca mais uma vez a comunidade salesiana. Esta deve renovar a mentalidade e a organização prática de sua inserção e trabalho entre os jovens e o povo, ao tomar consciência que o leigo tem seu direito de participar da missão salesiana.

O Reitor-Mor, P. Egidio Viganó, comenta este aspecto, no discurso final aos Capitulares do CG23, com as seguintes palavras: “Um ponto que merece destaque é o do envolvimento dos leigos visando à educação dos jovens na fé. Cada comunidade deve poder animar um número crescente de leigos, tanto da nossa Família (Cooperadores, Ex-alunos) como de colaboradores das nossas obras. É uma exigência da eclesiologia conciliar sobre a qual insistiram recentemente o Papa e o Episcopado. O envolvimento supõe não só uma mentalidade eclesial mais atualizada nos irmãos — meta que se deve urgentemente atingir — mas também a convicção da originalidade do espírito salesiano, vivido como um bem a ser partilhado com contagiante comunicabilidade. Isso exige também mudança de mentalidade e conversão do coração. Será possível, porém, nas atuais comunidades? É uma pergunta inquietante, que nos faz pensar na indispensabilidade de cuidadosas iniciativas” (Atos CG23 n. 354).

A típica vocação apostólica salesiana exige qualificação profissional, espiritual e missionária. A *unidade* operacional, para que seja eficaz, requer o *conjunto* salesiano.

3. As urgências institucionais do conjunto

O *conjunto* vive e desenvolve-se se forem previstas “estruturas, tempos e meios” que o ajudem a se expressarem.

As Constituições no art. 5 lembram o nosso dever para com a Família Salesiana.

"Por vontade do Fundador, temos nela particulares responsabilidades:

- manter a unidade de espírito;
- e estimular o diálogo;
- e a colaboração fraterna;
- para um mútuo enriquecimento;
- e maior fecundidade apostólica".

Não devem ser esquecidos os artigos dos Regulamentos Gerais (cf art. 36-41) que traduzem em compromissos concretos e cotidianos o trabalho em favor da *Família, vista em seu conjunto*.

Transcrevo o segundo parágrafo do art. 36 dos Regulamentos:

"A comunidade

- de acordo com os responsáveis pelos vários grupos,
- em espírito de serviço e respeitando-lhes a autonomia,
- oferece assistência espiritual,
- promove encontros,
- favorece-lhes a colaboração educativa e pastoral
- e cultiva o esforço comum em prol das vocações".

As Constituições e os Regulamentos pedem que "sejam instituídas" algumas realidades.

Deixando para o parágrafo seguinte a determinação de aspectos concretos realizáveis, lembro os grandes núcleos que necessitam de "estruturas, tempos e meios" para servirem ao *conjunto*.

O primeiro núcleo a ser cuidado institucionalmente ocupa a "área do espírito e da espiritualidade".

Assegura o fundamento do *conjunto*. Motiva de maneira sólida e convincente a busca da *unidade*. Oferece o estilo de pensamento, de conduta, de atitude, de gostos, de preferências do salesiano "sonhado" por Dom Bosco. Traz para o terreno de um mais fácil acesso todos os grupos da Família. Gera um imediato e mútuo enriquecimento, pessoal e de grupo, que impulsiona na direção a ulteriores etapas de crescimento da Família.

O segundo núcleo que as comunidades devem considerar é a "ampla área do encontro, do diálogo, do entendimento".

Encontramo-nos diante da necessidade de um projeto partilhado que poderá nascer só da convergência de todas as forças. Convergir é encontrar-se materialmente, antes de mais nada. É saber olhar na mesma direção, lendo dados e fatos, situações e emergências com critérios comuns. É buscar constantemente o entendimento, também quando parece natural ou difícil. Tudo isso requer muitas vezes ritmos longos. Queimar as etapas, a qualquer custo, é criar o vazio. Diminuir a marcha é criar cansaço. Se se estabelecem metas concretas e alcançáveis, o desejo de caminhar *juntos* aumentará. A convergência que nasce do encontro, do diálogo, do entendimento, admite uma diferenciada estruturação comunitária nos vários grupos. Salva-se assim o *conjunto*. São assim respeitadas as diferenças.

O terceiro núcleo é formado pela "área do agir, da atividade apostólica, da colaboração" efetiva e eficaz na e da Família.

A comunhão salesiana é sempre orientada para a missão. As Constituições no art. 3 afirmam, com palavras claras e expressões entusiasmáticas, que "a missão dá a toda a nossa existência o seu tom concreto, especifica a tarefa que temos na Igreja e determina o lugar que ocupamos entre as famílias religiosas".

O contexto "Igreja" em que realizamos o carisma de Dom Bosco e vivemos o espírito salesiano levam a Família a buscar a unidade e visam ao conjunto, ao trabalho e à colaboração, à criatividade e à obediência.

O art. 48 das Constituições é um lembrete constante para a comunhão e o trabalho incansável. A eficácia do Sistema Preventivo que encarna a caridade pastoral, o espírito salesiano na experiência cotidiana e a missão específica de Dom Bosco entre os jovens, é um compromisso de todos os grupos, porque é um bem de *todos*.

4. A organização "prática" do conjunto

A animação dos responsáveis das comunidades, em nível local e inspetorial, é definida de maneira geral pelo primeiro parágrafo do art. 36 dos Regulamentos Gerais: "É dever do inspetor e do diretor, coadjuvados pelos respectivos delegados, sensibilizar as comunidades para que cumpram sua função na Família Salesiana".

A tarefa específica, depois, pertence às três áreas apresentadas anteriormente. Para cada uma deve-se buscar "estruturas, tempos e meios".

- a) Como pode ser incrementado o *conjunto* na área do espírito e da espiritualidade?

É útil lembrar que isto não é problema de boa vontade, a ser deixado, pois, à criatividade de cada uma das pessoas e a cada caso concreto. Deve ser programado. Deve ser assegurado por estruturas ágeis, concordadas entre os grupos da Família.

Para ficar no contexto do "espírito e espiritualidade" o que é institucionalizável, para dar vida a novas experiências?

Em muitas Inspetorias tornou-se "tradicional" o *Dia da Família Salesiana*.

Devemos perguntar-nos:

- é a única manifestação do conjunto?
- que área tenta alcançar entre as descritas?
- cria mentalidade? suscita atitudes novas? incentiva experiências?
- de um ano para outro notam-se progressos no conjunto?

Não são ainda muitas as Inspetorias nas quais é programado *um curso de exercícios espirituais para membros da Família Salesiana*. Aqueles que participaram deles, dão juízos bem positivos.

As Inspetorias que pretendem iniciar esta experiência se perguntam sobre os objetivos que querem alcançar, definindo-os claramente e apresentando-os explicita e oficialmente. Será útil, para que se torne uma instituição profícua, recolher a cada ano as observações que nascem da vida.

Alguna Inspetoria instituiu oficialmente um *curso de Espiritualidade Salesiana* com a participação, ativa e passiva, dos vários grupos da Família.

Estamos nos inícios. Uma reflexão atenta, que defina objetivos e conteúdos, modalidades e instrumentos, poderá ajudar a formalizar as intuições de poucos e os desejos de muitos.

Como e quando as relações entre os grupos da Família evidenciam o *conjunto*, superando o fechamento e a defesa dos próprios interesses?

Como e quando o serviço dos salesianos de Dom Bosco aos distintos grupos, como pedem os Regulamentos, faz crescer o *conjunto* da Família de maneira sistemática, e a convergência do “espírito e espiritualidade”?

Um ponto fraco disso é muitas vezes a comunidade local. Os motivos podem ser vários: falta de reflexão sobre a Família Salesiana, pobreza de iniciativas, acúmulo de trabalho que tiram energias e tempo, presença de alguns grupos da Família e não de outros.

Todos motivos não suficientes; antes, poder-se-ia dizer, motivos não favoráveis à busca da convergência.

As comunidades locais sintam-se interpeladas por estas páginas, estudem e iniciem algo que indique a unidade da Família, exatamente a partir da área do “espírito e espiritualidade”.

b) Como pode ser realizado o *conjunto*, institucionalmente, na ampla área da convergência?

Iniciaram-se, em várias Inspetorias, encontros em nível de direção. Os calendários anuais dos Salesianos de Dom Bosco e das Filhas de Maria Auxiliadora contemplam *reuniões entre conselhos inspetoriais*. Louvável iniciativa que poderá dar origem a coisas novas.

O que se realizou ou se pensa realizar com os Cooperadores? e com os outros grupos da Família?

Por que não passar do nível inspetorial ao local, em encontros programados para os conselhos?

Já há alguns anos o Dicastério da Família Salesiana indicou na *Consulta inspetorial da Família Salesiana* um instrumento de convergência.

Muitas Inspetorias responderam à indicação e hoje recebem a vantagem da possibilidade de encontrar-se ao redor de uma mesa de reflexão e de estudo sobre o carisma salesiano. O que falta é talvez um reglamento interno que dê clareza e peso a estes organismos.

Perguntamo-nos: em nível local que atividade foi realizada na linha de uma consulta local da Família Salesiana?

Enquanto não se institucionalizarem ou regulamentarem alguns instrumentos de vida e de ação, já previstos, aliás, nas diferentes regras de vida de cada grupo, as freqüentes mudanças dos responsáveis de setores não permitirão a criação de uma verdadeira tradição.

Um "forum" para o conjunto da Família torna-se cada vez mais necessário. Os problemas juvenis, o desenvolvimento da presença salesiana, a compreensão por parte dos educadores e evangelizadores das situações novas a serem enfrentadas, o mútuo apoio pelas vocações, pedem um diálogo mais intenso e mais freqüente entre todos os membros da Família Salesiana. "Consultas rápidas e exatas" trarão vantagens não pequenas a cada grupo e à inteira Família.

c) Como se pode realizar o *conjunto* institucionalmente na "área do co-responsabilidade pastoral"?

Alguns acontecimentos demonstram que é possível chegar até esse nível. Tudo o que foi feito no ano centenário, o "Dom Bosco 88", apresenta-se como a carta vencedora do *conjunto*. Todos os níveis da presença salesiana cooperaram co-responsavelmente: dos Conselhos Gerais aos grupos locais.

O objetivo concreto, a inserção na região, o envolvimento de todas as forças, a programação a partir das possibilidades e das necessidades, a revisão constante das situações, a convergência sobre os grandes valores do carisma, a vontade de superar as dificuldades não só externas mas também internas, e sobretudo o amor a Dom Bosco, realizaram a *unidade operacional*.

É a meta à qual chegar. Deve ser preparada e acompanhada pelos passos anteriores. Uma ambigüidade a ser esclarecida: cada um dos grupos não é chamado a realizar as mesmas coisas, a trabalhar no mesmo espaço material, a assumir as mesmas tarefas. Todos, porém, colaboramos para uma "maior fecundidade apostólica" da presença salesiana numa região.

Nesta perspectiva, muitos passos devem ser dados, seguindo os momentos típicos de uma "programação pastoral": análise da situação, critérios carismáticos a serem partilhados, objetivos, metodologia, revisão e avaliação da caminhada.

Observe-se mais uma vez que em nível de alguns responsáveis maiores existe o crescimento da responsabilidade partilhada.

O processo deve chegar lá onde mais facilmente, pelas dimensões e pela realidade da vida, a responsabilidade e a co-responsabilidade poderiam encontrar os melhores interlocutores: o nível inspetorial e o nível local.

Há necessidade de pôr alguns sinais que orientem a caminhada para o *conjunto*.

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1. Crônica do Reitor-Mor

De volta de Madagáscar na metade de janeiro, o Reitor-Mor foi até Potenza, no dia 18, para apresentar a Estréia de 1991 à Família Salesiana local, que seguiu com entusiasmo, e preparar a festa de Dom Bosco.

No dia 24 participou como Grão Chanceler das solenes celebrações do 50º aniversário da fundação da nossa Universidade, presidindo a Eucaristia na basílica de S. Pedro, acompanhando depois o numeroso grupo da Universidade a uma memorável audiência pontifícia.

Participou na última semana de janeiro, da Semana de Espiritualidade da Família Salesiana, realizada (como é tradição) na Casa Geral.

Esteve nos Becchi para a celebração do 50º aniversário de fundação da obra Bernardi Semeria, onde abençoou a primeira pedra da lanchonete "Mamãe Margarida", e em Valdocco onde participou da festa de Dom Bosco. Aproveitou também, no dia seguinte, para uma alegre visita aos estudantes de teologia da Crocetta.

No mês de fevereiro visitou Nave, onde é "cidadão honorário" para fazer uma conferência aos "concidadãos", num dos

teatros da cidade, sobre os problemas juvenis na sociedade atual. Entreteve-se depois com os pós-noviços sobre temas da Congregação e de formação.

Durante o mês participou de algumas importantes reuniões dos Superiores gerais.

A 23 de fevereiro esteve em Sôndrio para comemorar como os irmãos e tantos amigos o aniversário da morte da mãe. De Sôndrio a Verona para visitar o Secretário geral, P. Francisco Maraccani, em recuperação depois de uma longa e dolorosa cirurgia do fêmur.

No início do mês de março (dias 2 e 3) visitou a Sicília: antes Trápani, para inaugurar o teatro e comentar a Estréia deste ano, e depois Riesi, onde celebrou solenemente (com a participação de toda a cidade) o 50º aniversário da obra salesiana; foi inaugurado um monumento a Dom Bosco numa das praças e o Bispo diocesano proclamou Dom Bosco "co-padroeiro" da cidade (o principal é Nossa Senhora!).

Em seguida (de 5 a 7) o Reitor-Mor esteve em Bonn e participou de um interessante encontro sobre a educação libertadora na América Latina. Depois visitou várias comunidades na Itália enquanto preparava sua nova viagem à África.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1. Apresentamos a tradução do documento da beatificação do P. Filipe Rinaldi

"Serei para vós um pai e vós sereis para mim filhos" (2Cor 6,18).

O Venerável Servo de Deus Filipe Rinaldi não só acolheu com humildade e alegria o dom da paternidade divina, mas, cumprindo generosamente a missão sacerdotal, foi uma autêntica testemunha desta paternidade porque serviu as almas com amor e solicitude verdadeiramente paterna.

Ele nasceu a 26 de maio de 1856 em Lu Monferrato, na diocese de Casale Monferrato, de Cristóforo Rinaldi e Antônia Brezzi, que lhe deram uma ótima educação humana e cristã. Na meninice conheceu São João Bosco que, mais tarde seu diretor espiritual, ajudou-o a descobrir sua vocação e a entrar na jovem Sociedade Salesiana, onde fez a profissão perpétua a 13 de agosto de 1880. Pouco depois da ordenação sacerdotal, recebeu a 23 de dezembro de 1882 foi nomeado diretor de uma casa para vocações adultas, distinguindo-se como educador por suas grandes capacidades e seu enorme coração.

Mandado para a Espanha, onde foi superior da Casa de Sarriá e depois Inspetor das Casas salesianas da Espanha e Portugal, desenvolveu uma intensa e frutuosa atividade, conseguindo multiplicar o número dos irmãos, das novas fundações e das obras apostólicas. Em 1901 voltou para Turim com a tarefa de Vigário geral do seu Instituto. Serviu com fidelidade, prudência e absoluta dedicação os Reitores Maiores, Bem-aventurado Miguel Rua e Paulo Álberra. Ao mesmo tempo, impelido pelo zelo da salvação das almas e pela dilatação do reino de Cristo, dedicou-se a múltiplas e originais atividades especialmente em favor dos leigos. Promoveu a Associação dos Cooperadores Salesianos, deu vida à Federação dos Ex-alunos, a uma associação de professores católicos, a oratórios e círculos juvenis, a iniciativas editoriais também a um grupo de jovens "consagradas no mundo", agora florecente Instituto secular.

Eleito Reitor-Mor da Sociedade Salesiana em 1922, com o exemplo de suas virtudes e fervor pelas coisas de Deus foi mestre de vida e um ponto de referência para todos os que tinham sido confiados a seus cuidados. Verdadeiro e autorizado intérprete do magistério de São João Bosco, cuidou com especial interesse da formação espiritual a apostólica dos irmãos. Atento às necessidades da Igreja, promoveu uma vasta e operosa atividade em favor das Missões, organizou oratórios e incentivou a presença de paróquias nas periferias das cidades. Em 1929 teve a alegria de ver a beatificação de São João Bosco, de quem o Venerável era fidelíssimo discípulo e um atento imitador de sua espiritualidade e de seu método de governo. Trabalhou com inteligência e paixão até o final dos seus dias, apesar de a saúde ir rapidamente declinando. Morreu improvisamente a 5 de dezembro de 1931 em Turim. Sua vida foi totalmente entregue por Cristo e o povo de Deus e exerceu uma influência salutar, não só na Sociedade Salesiana mas em toda a Igreja. Dotado de grande equilíbrio, soube harmonizar em si as mais altas exigências da vida interior e da piedade com o dinamismo operoso do apostolado, a autoridade firme com a bondade paterna, por todos reconhecida como sua característica. Ele é testemunha exemplar para os sacerdotes do nosso tempo, para os Superiores religiosos e para os educadores, para os leigos dos quais reconheceu a particular missão na vida da Igreja.

A fama de santidade, já assinalada em vida, aumentou e consolidou-se após a morte, de maneira que o arcebispo de Turim em 1947 deu início à sua Causa de canonização. Após a celebração do processo ordinário e do processo apostólico, como é norma, houve a discussão sobre as virtudes. Em Nossa presença, a 3 de janeiro de 1987, era promulgado o decreto com o qual reconhecíamos que o Servo de Deus exerceu em grau heróico as virtudes teológicas, cardeais e anexas.

Ao mesmo tempo na diocese de Mondovì celebrou-se um processo canônico sobre um presumível milagre, acontecido

em 1945 e atribuído ao mesmo Venerável Servo de Deus. Examinado por expertos, a 3 de março de 1990 era promulgado o decreto "super miro".

Estabelecemos pois que o rito da beatificação se realizasse a 29 de abril do mesmo ano.

Hoje, portanto, na Praça de São Pedro, durante a solene Missa proclamamos a seguinte fórmula: Nós, acolhendo os desejos dos nossos Irmãos no episcopado, Gabino Díaz Marchán, arcebispo de Oviedo, Narciso Jubany Arnau, arcebispo emérito e administrador apostólico de Barcelona, Raimundo Torella Cascante, arcebispo de Tarazona e João Saldarini, arcebispo de Turim, como também de muitos outros bispos, e de muitos cristãos, por decreto da Congregação das Causas dos Santos, com a nossa Autoridade concedemos a faculdade, que os Veneráveis Servos de Deus Cirilo Bertrán e sete companheiros, Inocência da Imaculada, Maria das Mercês Prat, Tiago Hilário Barbal Cosán, mártires, e Filipe Rinaldi, sacerdote, sejam chamados no futuro Bem-aventurados, e suas festas possam ser celebradas todos os anos no dia de sua morte: Cirilo Bertrán e seus sete companheiros e Inocência da Imaculada no dia 9 de outubro; Maria da Mercês Prat no dia 24 de julho; Tiago Hilário Barbal Cosán no dia 18 de janeiro e Filipe Rinaldi no dia 5 de dezembro nos lugares e nos modos estabelecidos pelo direito.

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

O que decidimos com esta carta queremos que seja observado, agora e no futuro, revogadas todas as disposições em contrário.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, sob o anel do Pescador, 29 de abril de 1990, décimo segundo do Nosso Pontificado".

João Paulo II

5.2. Crônica da Semana da Espiritualidade da Família Salesiana

Realizou-se nos dias 25 a 30 de janeiro de 1991, no Salesianum de Roma junto da Casa Geral, a 14ª Semana da Espiritualidade. A celebração do Centenário de Dom

Bosco e a preparação ao Capítulo Geral 23 tinham interrompido o encontro anual.

O tema retomou também neste ano a estréia do Reitor-Mor: *A nova evangelização compromete-nos a aprofundar e testemunhar a dimensão social da caridade*.

A presença dos participantes foi muito numerosa: o Salesianum não tinha mais vagas. Vários grupos da Família mandaram representantes de toda a Europa. Havia também algumas presenças de outros Continentes. As várias línguas utilizadas durante as conferências (falou-se em alemão, francês, espanhol, além do uso do italiano) deram o sentido da universalidade e da amplitude da missão salesiana.

A proposta dos relatórios foi rica. Eles ofereceram um horizonte interessante e vivo dos problemas e das perspectivas relacionadas com a solidariedade no contexto atual da vida do mundo e da Igreja.

O clima geral, no parecer de todos, foi familiar e fraterno nas várias expressões: desde a oração ao momento recreativo, da partilha em grupo ao trabalho de informação sobre as experiências.

A estréia foi esclarecedora em várias dimensões.

Iniciou-se com uma visão geral da *relação jovens solidariedade política*. Estudou-se depois a *experiência de Dom Bosco* e as *determinações constitucionais* dos vários grupos da Família, para compreender quais caminhos ainda hoje são percorráveis ou quais os aspectos a serem mais cuidados, para testemunhar e viver a dimensão social da caridade.

As *perspectivas bíblica, teológica e ética* contribuíram para enriquecer os conteúdos da busca que a Semana era chamada a realizar.

O *ponto central* da Semana continuou sendo a *preocupação educativo-espiritual*.

Três colocações diferentes (um salesiano, uma Filha de Maria Auxiliadora e uma Voluntária de Dom Bosco) dialogaram sobre uma proposta de espiritualidade do compromisso e de serviço no estilo de Dom Bosco.

A assembléia, antes, e os trabalhos de grupo, depois, trabalharam durante dois dias inteiros para esclarecer o ponto central educativo-espiritual da dimensão

social da caridade. A apresentação de algumas *experiências* fez ver quanto espaço ainda existe para o carisma de Dom Bosco, o espírito salesiano e a riqueza própria dos diferentes grupos da Família.

O Reitor-Mor acompanhou com a presença e a palavra a caminhada da Semana. Ofereceu aos participantes três intervenções preciosas de síntese e estímulos: duas homilias e as palavras de conclusão como comentário da estréia.

Um agradecimento a todos aqueles que com a presença e com a colaboração ajudaram para o sucesso do encontro.

5.3. Crônica dos 50 anos da UPS

A 3 de maio de 1990 recorria o primeiro Cinquentenário de fundação do Pontifício Ateneu Salesiano, que iniciou suas atividades em Turim, por vontade do IV Sucessor de Dom Bosco P. Pedro Ricaldone, com as três Faculdades clássicas de Teologia, Direito Canônico e Filosofia. As celebrações oficiais deste acontecimento foram feitas a 24 de janeiro de 1991, festa de S. Francisco de Sales.

Professores, estudantes, funcionários, ex-alunos e amigos da UPS reuniram-se na Basílica de São Pedro para participar da solene Concelebração Eucarística, presidida pelo Reitor-Mor, que quis desta maneira, acompanhado por alguns membros do Conselho Geral, manifestar a gratidão de toda a Congregação pela contribuição dada por esta Instituição Universitária na formação dos Salesianos e na vitalidade das nossas obras. Na sua homilia o P. Vignó sublinhou que a "nossa Universidade se chama 'salesiana' porque inspira-se, em suas finalidades e escolhas práticas, na típica preocupação apostólica de São Francisco de Sales e de Dom Bosco, e se compromete, no estudo e no desenvolvimento das doutrinas da fé e de várias disciplinas do homem a alcançar um conhecimento mais objetivo da bondade evangélica do 'Pastor' e da condição existencial dos destinatários". E explicou o significado da inserção da UPS no contexto das Universidades Pontifícias Romanas, como uma instituição original caracterizada por uma missão peculiar com específicas exigências

de programação, de escolhas e de coordenação: "entre os parâmetros e os critérios irrenunciáveis da identidade da UPS aparece, portanto, como característica a índole pedagógico-pastoral nas escolhas e no incremento das várias disciplinas".

Em seguida, os mil e quinhentos participantes entraram na Sala das Bênçãos para a Audiência especial do Santo Padre. Estavam presentes também os cardeais salesianos Alfonso Stikler, ex-reitor do Ateneu Salesiano, e Rosálio Castillo Lara, ex-professor do mesmo Ateneu, Dom Pio Laghi, Prá-Prefeito da Congregação para a Educação Católica e o secretário Dom José Saraiva Martins.

João Paulo II saudou afavelmente todos os presentes e selou com sua pessoal intervenção os atos mais significativos da comemoração cinquentenária. Primeiramente ouviu a saudação do Reitor Magnífico da UPS, P. Tarcísio Bertone, que resumiu a história do desenvolvimento do Ateneu, desde o primeiro núcleo em 1940, a que se acrescentou depois da guerra, o Instituto Superior da Pedagogia, que foi justamente considerado "peculiar expressão da característica salesiana" e que agora é a Faculdade das Ciências da Educação. Após a transferência para Roma e o *Motu próprio* de Paulo VI "Studia latinitatis", o Ateneu enriqueceu-se com nova Faculdade de "Letras Cristãs e Clássicas", reconhecida pelo mesmo Pontífice como garantia de ulterior incremento da "Latinitas classica" e da "Latinitas christiana" já entregues em herança pelo nosso Fundador. Com o *Motu Proprio* "Magisterium vitae" de 1973 o Ateneu Salesiano recebia o título e a dignidade de Universidade. A partir de então a Universidade foi-se progressivamente se consolidando e ramificando: em 1981 criou-se o "Departamento de Pastoral Juvenil e Catequética"; em 1986 acrescentou-se o Instituto Superior de Ciências Religiosas, voltado para a formação orgânica dos leigos, religiosos e religiosos não sacerdotes; e finalmente, em 1988, iniciou-se o Instituto de Ciências da Comunicação Social, que abre a nossa Universidade aos vastos horizontes da moderna comunicação, sempre numa dimensão pedagógico-pastoral, seguindo a criatividade de Dom Bosco, pioneiro e apóstolo da imprensa católica.

O Reitor concluiu assegurando a filial adesão de todos às intenções, às palavras e à oração do Papa pela paz, e o compromisso dos estudantes, de 66 Países, de uma fraterna e dialógica convivência para a afirmação dos valores humanos e cristãos.

O Papa, visivelmente satisfeito pelo encontro, lembrando a visita à nossa Universidade em 1981, quis sublinhar como o gênio e a desmedida caridade pastoral de Dom Bosco pelos jovens foram a inspiração qualificante de toda a missão da Universidade Pontifícia Salesiana. Depois de ter saudado o Reitor-Mor e o Conselho Geral, disse que a Universidade Pontifícia Salesiana "como árvore plantada perto do rio" (Sl 1,2), inserindo-se no sulco da fecunda tradição espiritual salesiana e fiel às diretrizes da Igreja, deu provas neste tempo de esperançosa vitalidade, desenvolvendo-se de maneira admirável. Depois declarou: "No coração da vossa identidade universitária, encontra-se o carisma de Dom Bosco. A Universidade Salesiana foi e deve continuar a ser a Universidade de Dom Bosco para os jovens: esta é a sua característica original no conjunto das Pontifícias Universidades Romanas". E concluiu com um insistente convite: "Educar os jovens comporta todo um complexo de objetivos qualificados, de competências específicas, de empenhos determinados e exigentes; comporta sobretudo aquela "capacidade pastoral" que, em Jesus Bom Pastor, tem a sua fonte e, em Dom Bosco, um insigne modelo. Continuai a dedicar toda a vossa energia ao setor delicado e fundamental da formação dos pastores e educadores dos jovens, de maneira renovada, fazendo render a vossa comprovada experiência. Os alunos — sacerdotes, religiosos e leigos, também eles jovens — acolhem, como qualidade peculiar do seu ciclo de estudos, a sensibilidade, a atenção e o cuidado dos jovens e nisto colaborem de maneira criativa. Os professores e as múltiplas estruturas universitárias componham numa síntese harmônica as suas competências específicas, em vista de um aprofundamento científico e de uma colaboração metodológica do empenho de promoção humana e cristã dos jovens de hoje. Se fizerdes assim, certamen-

te vos será agradecida a Congregação Salesiana a que pertenceis, mas ainda mais a Igreja e a inteira sociedade". No final do encontro o Santo Padre entregou uma medalha do pontificado aos Professores Eméritos, aos Colaboradores leigos (Coadjuutores salesianos e Irmãs) com mais anos de casa e aos estudantes premiados.

Esta jubilosa recorrência do Cinquentenário deve ser considerada como um ponto de partida para um renovado e fecundo serviço da UPS, acompanhado de cordial e generosa colaboração e estima de toda a Família Salesiana.

5.4. Novos Inspetores

Trazemos algumas notas dos novos Inspetores das duas Inspetorias de New Rochelle e de San Francisco, nos EUA, nomeados pelo Reitor-Mor com seu Conselho durante a sessão plenária nos passados meses de outubro-dezembro de 1990.

1. P. PLOCH, Timothy, para a Inspetoria de New Rochelle.

Timothy Ploch, nomeado Inspetor da Inspetoria Leste dos EUA, nasceu em Paterson, New Jersey, a 8 de junho de 1946. Conheceu os Salesianos no colégio de West Haverstraw e, crescida sua vocação salesiana, entrou no noviciado de Newton, onde professou pela primeira vez a 16 de agosto de 1965.

Continuou depois em Newton seus estudos filosófico-pedagógicos e, depois da experiência do tirocínio, foi a Columbus para frequentar os estudos teológicos. A 14 de abril de 1976 era ordenado sacerdote em Westerville.

Alcançou o título acadêmico B.A., foi professor-educador durante vários anos. Notável sua capacidade musical. Em 1985 foi-lhe confiado o encargo de diretor da casa de Columbus, onde trabalha a comunidade formadora dos jovens estudantes de Teologia, juntamente com várias atividades apostólicas.

Participou do CG22 como delegado da Inspetoria.

2. *P. SCHAFER, William, para a Inspetoria de San Francisco.*

William Schafer, que foi chamado a guiar a Inspetoria Oeste dos EUA, nasceu em Berkeley, Califórnia, a 25 de outubro de 1931. Foi aluno do colégio salesiano de Richmond, onde conheceu Dom Bosco e foi crescendo sua vocação salesiana. Fez depois o noviciado em Newton e no final emitiu a primeira profissão religiosa a 8 de setembro de 1950.

Após os estudos filosóficos e a experiência do tirocínio, foi a Turim estudar teologia no Pontifício Ateneu Salesiano, alcançando a licença em Teologia. Em Turim foi ordenado sacerdote a 11 de fevereiro de 1962.

De volta aos EUA, conseguiu também o título acadêmico de "Master of Science" e foi professor-educador, diretor escolar do colégio universitário de Rosemead. Nos anos 1985-86 frequentou também um curso de espiritualidade salesiana. Era membro do Conselho inspetorial desde 1983. Atualmente era diretor da comunidade de Los Angeles e animador de um grande Centro Juvenil.

5.5. Novo Bispo Salesiano

Noticiamos a elevação ao episcopado de um nosso irmão

Dom José Jovêncio BALESTIERI, Bispo de Humanité (AM).

O Osservatore Romano do dia 7 de março de 1991 comunicava que o Santo Padre nomeara o sacerdote salesiano José Jovêncio BALESTIERI, Bispo de Humanité (AM), depois da renúncia ao governo da diocese de Dom Miguel D'Aversa, SDB.

Dom Balestieri nasceu em Alto Guaraní (SC), a 8 de maio de 1939. Em 1951 entrou no aspirantado de Ascurra (SC) e foi admitido ao noviciado de Pindamonhangaba (SP), onde professou pela primeira vez em 1959. Alcançada a licença em Filosofia e Pedagogia no Instituto Salesiano de Filosofia e Pedagogia de Lorena (SP), frequentou os estudos teológicos no Instituto Salesiano Pio XI, em São Paulo, alcançando a licença.

Depois de alguns anos de atividade pastoral nas casas de Porto Alegre e Bagé, em 1972 foi nomeado diretor de Bagé (RS). Em 1974 foi chamado a dirigir, como diretor e Mestre dos noviços, o noviciado de Rio dos Cedros (SC). Em 1980 foi nomeado ecônomo inspetorial da Inspetoria Salesiana São Pio X, de Porto Alegre e em 1984, inspetor da mesma Inspetoria. Findo o mandato, iniciou o directorado da casa de Ascurra (SC), onde o alcançou a nomeação episcopal.

5.6. Estatísticas do Pessoal Salesiano aos 31 de dezembro de 1990

Insp.	Tot. 1989	Professos L	temporários S D P	Professos L S	perpétuos D P	Tot. professos	Noviços	Tot. 1990
AFC	231	17	29 0 0	23 6	0 148	223	12	235
AFE	64	2	3 0 0	10 19	0 36	70	2	72
AFM	64	1	3 0 0	6 0	0 52	62	2	64
ANT	189	2	37 0 0	16 5	0 121	181	12	193
ABA	216	2	18 0 0	14 9	0 167	210	8	218
ABB	157	0	7 0 0	16 8	0 118	149	2	151
ACO	175	10	24 0 0	10 12	0 115	171	7	178
ALP	124	1	16 0 0	14 9	0 79	119	2	121
ARO	151	3	20 0 0	19 8	0 93	143	5	148
AUL	126	2	14 0 0	22 3	0 83	124	4	128
AUS	161	4	14 0 0	10 2	1 116	147	4	151
BEN	224	1	10 0 0	23 9	0 177	220	1	221
BES	112	1	4 0 0	8 1	0 94	108	3	111
BOL	132	5	35 0 0	14 5	0 71	130	9	139

Insp.	Tot. 1989	Professos				Professos				perpétuos				Tot. professos	Noviços	Tot. 1990
		L	S	D	P	L	S	D	P	D	P	D	P			
BBH	171	5	15	0	0	21	1	0	126	168	3	171				
BCG	168	4	18	0	0	23	5	0	104	154	6	160				
BMA	132	6	24	0	0	20	3	0	73	126	11	137				
BPA	114	0	8	0	0	11	5	0	85	109	3	112				
BRE	95	1	12	0	0	17	0	0	60	92	1	93				
BSP	229	6	21	0	0	32	9	0	145	213	7	220				
CAE	35	0	1	0	0	5	1	0	28	35	0	35				
CAM	259	11	59	0	0	23	8	0	146	247	10	257				
CEB	0	2	31	0	0	12	6	0	106	157	18	175				
CEP	0	1	20	0	3	12	10	0	154	200	24	224				
CIL	265	5	51	0	0	21	18	0	158	253	11	264				
CIN	143	1	5	0	0	37	4	0	93	140	3	143				
COB	200	2	33	0	0	38	7	0	118	198	7	205				
COM	166	2	33	0	0	21	9	0	95	160	9	169				
ECU	263	8	28	0	0	24	14	0	172	246	5	251				
FIL	365	26	111	0	0	29	22	1	157	346	29	375				
FLY	171	0	3	0	0	35	3	0	127	168	1	169				
FPA	242	3	11	0	0	32	0	0	188	234	3	237				
GBR	159	0	10	0	0	18	5	0	120	153	3	156				
GEK	194	11	14	0	0	38	6	0	118	187	5	192				
GEM	311	11	22	0	0	68	6	0	199	306	5	311				
GIA	137	3	13	0	0	20	3	0	90	129	6	135				
INB	252	9	79	0	0	19	14	0	123	244	19	263				
INC	310	9	65	0	0	34	32	0	162	302	6	308				
IND	193	1	50	0	0	5	18	0	102	176	11	187				
ING	302	4	76	0	0	28	18	0	158	284	22	306				
INK	317	8	102	0	0	12	45	0	140	307	22	329				
INM	378	8	122	0	0	24	36	0	171	361	30	391				
IRL	133	0	8	0	0	12	4	0	103	127	5	132				
IAD	171	2	7	0	0	31	2	0	124	166	0	166				
ICE	351	5	11	0	0	132	4	1	192	345	6	351				
ILE	423	6	30	0	0	71	4	0	304	415	4	419				
ILT	228	1	13	0	0	41	2	1	167	225	0	225				
IME	336	3	23	0	0	50	6	1	247	330	4	334				
INE	214	2	8	0	0	42	6	0	153	211	2	213				
IRO	328	1	18	0	0	50	6	3	227	305	3	308				
ISA	86	0	4	0	0	9	1	0	69	83	1	84				
ISI	374	3	21	0	0	37	8	0	297	366	8	374				
ISU	462	4	23	0	0	100	10	0	326	463	9	472				
IVE	304	3	22	0	0	58	8	1	211	303	4	307				
IVO	243	4	13	0	0	50	2	0	170	239	4	243				
JUL	152	0	22	0	0	18	6	0	103	149	1	150				
JUZ	100	0	15	0	0	7	3	0	71	96	5	101				
KOR	56	6	19	0	0	9	6	0	17	57	4	61				
MEC	191	11	42	0	0	12	8	0	114	187	12	199				
MEM	218	14	62	0	0	15	6	0	106	203	26	229				
MOR	156	3	19	0	0	29	2	0	99	152	8	160				
OLA	87	0	0	0	0	25	0	1	60	86	0	86				
PAR	99	0	19	0	0	9	3	0	62	93	8	101				
PER	179	4	33	0	0	13	18	0	101	169	5	174				

50 ATOS DO CONSELHO GERAL

Insp.	Tot. 1989	Professos L	temporários S D	P	Professos L	S	perpétuos D	P	Tot. professos	Noviços	Tot. 1990	
PLE	390	8	120	0	0	21	20	0	201	370	28	398
PLN	341	2	109	0	0	13	13	0	190	327	23	350
PLO	270	2	58	0	0	1	8	0	183	252	14	266
PLS	284	0	96	0	0	15	16	0	138	265	24	289
POR	202	5	25	0	0	51	4	1	114	200	3	203
SBA	267	2	16	0	0	42	12	0	188	260	5	265
SBI	273	7	30	0	0	57	29	0	138	261	5	266
SCO	156	6	19	0	0	7	4	2	107	145	9	154
SLE	275	11	17	0	0	67	17	0	160	272	5	277
SMA	431	10	39	0	0	102	15	0	249	415	10	425
SSE	193	2	11	0	0	34	7	0	136	190	9	199
SVA	206	3	19	0	0	33	4	0	140	199	4	203
SUE	261	1	11	0	0	54	7	0	173	246	3	249
SUO	120	1	1	0	0	28	3	0	85	118	3	121
THA	106	4	12	0	0	10	6	0	70	102	7	109
UNG	60	1	1	0	2	1	0	0	53	58	0	58
URU	149	2	15	0	0	9	4	0	117	147	4	151
VEN	242	4	24	0	0	20	9	1	169	227	8	235
VIE	0	2	12	0	0	11	43	0	20	88	11	99
UPS	123	0	0	0	0	16	0	0	110	126	0	126
RMG	86	0	0	0	0	20	0	0	67	87	0	87
T.	17023	343	2338	0	5	2316	742	14	11119	16877	647	17524
Bispos e Prelados	84									87		87
Não catalogados	420									20		20
T.	17527	343	2338	0	5	2316	742	14	11119	16984	647	17631

Nota: Neste ano na estatística estão incluídos também os irmãos da CEB, CEP e VIE. Ficam "não catalogados" 20 irmãos.

5.7. Irmãos falecidos (1991 — 1ª lista)

"A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão" (Const. 94).

Nome	Lugar e Data da morte	Idade	INSP	
P ASURMENDI MARTINEZ Javier	Barcelona	05.02.91	51	SBA
E ALVAREZ Ernesto	Quito	12.02.91	65	
<i>Foi por 6 anos bispo auxiliar de Guayaquil e por 13 anos arcebispo de Cuenca</i>				
P BALLEISEN Albert	Augburg	10.02.91	80	GEM
P BERSIA Felice	Intra	12.01.91	79	INE
P BOTTAIN Egidio	Banpong	03.01.91	82	THA
P CALDIROLI Mario	Shindernbaru	04.02.91	78	GPA
L CARRO Pierre	Evrena	12.01.91	81	FPA
P DE GRANDIS Riccardo	Genova	13.02.91	52	ILT
P DAGNA Ferruccio	Varazze	25.01.91	79	ILT

Nome	Lugar e Data da morte	Idade	INSP	
P DEL FABBRO Tarcísio	Santa Cruz (BOL)	31.01.91	77	IVE
P FAIDET Pierre	Neuilly-s-Seine	10.01.91	82	FPA
P FAVERZANI Albert	La Garde	31.01.91	62	FPY
P FONSECA Calvo Marcos	Calula (Angola)	04.01.91	45	CAM
P GALBAYV Stanislaw	Pezinok	13.12.90	79	CEB
P GARCIA Rubén Dario	Buenos Aires	02.04.90	62	ABA
L GUIDI Franco	Varazze	26.01.91	69	ILT
P ISHIMOTO Francesco Hiroshi	Akabane	22.01.91	60	GIA
P JANSSEN Paul Matthias	Bad-Tolz	12.02.90	81	GEM
L KANELOTO Miyotli Antonio	Kanagawa	18.02.90	84	GIA
P KRISTAC Evtstahij	Trstenik	26.01.91	79	JUL
P KRIZAN Marti	Surianky	06.09.90	77	CEB
P KUBACKU Stanislaw	Barlinek	08.02.91	83	PLN
P LE DU André	Saint-Brieuc	05.01.91	77	FPA
P LYSEK Pawel	Kopiec	30.01.91	74	PLS
P McLINDEN James	Kawasaki (Japão)	03.01.91	62	RMG
P MENDES Gastão do Prado	Lorena	28.06.90	85	BSP
P MONTANTE Giuseppe	Palermo	19.05.90	76	ISI
L NAVONE Giovanni	Castellamare di Stabia	27.01.91	86	IME
P NICOLAU Juan Pedro	Resistencia	10.01.91	86	ARO
L NIDASIO Giuseppe	Arese	18.02.91	93	ILE
P OILVERA Leonidas	Calca	22.02.91	87	PER
P PÉREZ GONZÁLEZ José	Valencia	25.02.91	59	VEN
P PICRON René	Butare (Rwanda)	25.01.91	84	AFC
<i>Foi inspetor por 7 anos</i>				
P PREZIOSO Vicente	Asunción	21.01.91	84	PAR
L RAPISARDA Domenico	Pedara	10.02.91	68	ISI
E RASPANTI Miguel	Córdoba	18.02.91	86	
<i>Foi inspetor por 16 anos e por 23 Bispo de Morón (Argentina)</i>				
L RIVEROS Diaz Heliodoro	Bogotá	14.07.90	90	COB
P SANTOS Lopes José Maria	Sevilla	06.01.90	54	SEE
L SANTOS Roque André	Cachoeiro do Itapemirim	14.11.90	90	BBH
P SEPTIEN Garcia Justiniano	Lugo	28.03.90	64	SLE
P SITIA Carlo	Totontepec	08.01.91	67	MEM
P SUNDA Ugo	Sassari	09.04.90	60	ISA
P TENEGAL Aimé	Marseille	11.01.91	81	FLY
L VAN VINCK Charles	Gent	24.02.91	91	BEN
L VARGAS Diaz José	Guadalajara	30.04.90	102	MEG
P VECCHI Luciano	Civitanova Marche	03.04.90	68	IRO
E WOEKU Sebbhatlaab	Makallé (Etiopia)	27.01.91	72	
<i>Foi por 13 anos Bispo de Adigrat</i>				
L YARA Feliz Luis	Bogotá	22.01.91	68	COB
P ZANGHI Giacomo	Savona	16.02.91	75	ILT



Composto e Impresso pelos Alunos das
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua Dom Bosco, 441 - CEP 03105 - Mooca
Fone: (011) 277-3211 - Fax (011) 279-0329
São Paulo - SP.